

Paula Clarice Santos Grazziotin de Jesus

O LIVRO DOS 10 ANOS

Memórias do Câmpus Lages do IFSC

O LIVRO DOS 10 ANOS

Memórias do Câmpus Lages do IFSC

Paula Clarice Santos Grazziotin de Jesus



Florianópolis-SC
2020

REITORIA DO IFSC

REITOR
André Dalla Possa

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO
Fabiana Besen Santos

PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Egon Sewald Junior

PRÓ-REITOR DE ENSINO
Luiz Otávio Cabral

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E RELAÇÕES EXTERNAS
Rafael Nilson Rodrigues

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Ailton Durigon

CÂMPUS LAGES

DIRETOR-GERAL
Wilson Heck Junior

CHEFE DE DEPARTAMENTO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
Silmar Primieri

CHEFE DE DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
Kathilce Martins Amorim

REVISÃO
Claudia Kuns Tomaselli e Daniella de Cássia Yano

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN DE CAPA
Jaison Muniz (Jason)

1ª edição

Catlogação na fonte pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Santa Catarina - IFSC

J58l Jesus, Paula Clarice Santos Grazziotin de
O livro dos 10 anos: memórias do Câmpus Lages do IFSC [recurso
eletrônico] / Paula Clarice Santos Grazziotin de. - Florianópolis:
Publicações do IFSC, 2020.
170 p. : il. color.

Publicado também em versão impressa.
ISBN 978-65-88663-05-9

1. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa
Catarina (Câmpus Lages) - História. 2. História institucional. 3. Memória
IFSC. I. Título.

CDD 370.113

Elaborada pela Bibliotecária Renata Ivone Garcia – CRB-14/1417

Este livro foi produzido a partir do projeto de extensão PD001-2020 (Edital 43/2019/PROEX - Fluxo contínuo) e dos projetos de pesquisa PILGS1275-2019 (Edital 14/2019/PROPEI - Fluxo contínuo) e PILGS1789-2019 (Edital 26/2019/PROPEI - Fluxo Contínuo) e é uma produção do Grupo de Pesquisa Educação e Linguagem (IFSC).

Para as pessoas que, há 10 anos, fazem o futuro do Câmpus Lages do IFSC por acreditar que a educação transforma o mundo.

Agradecimentos

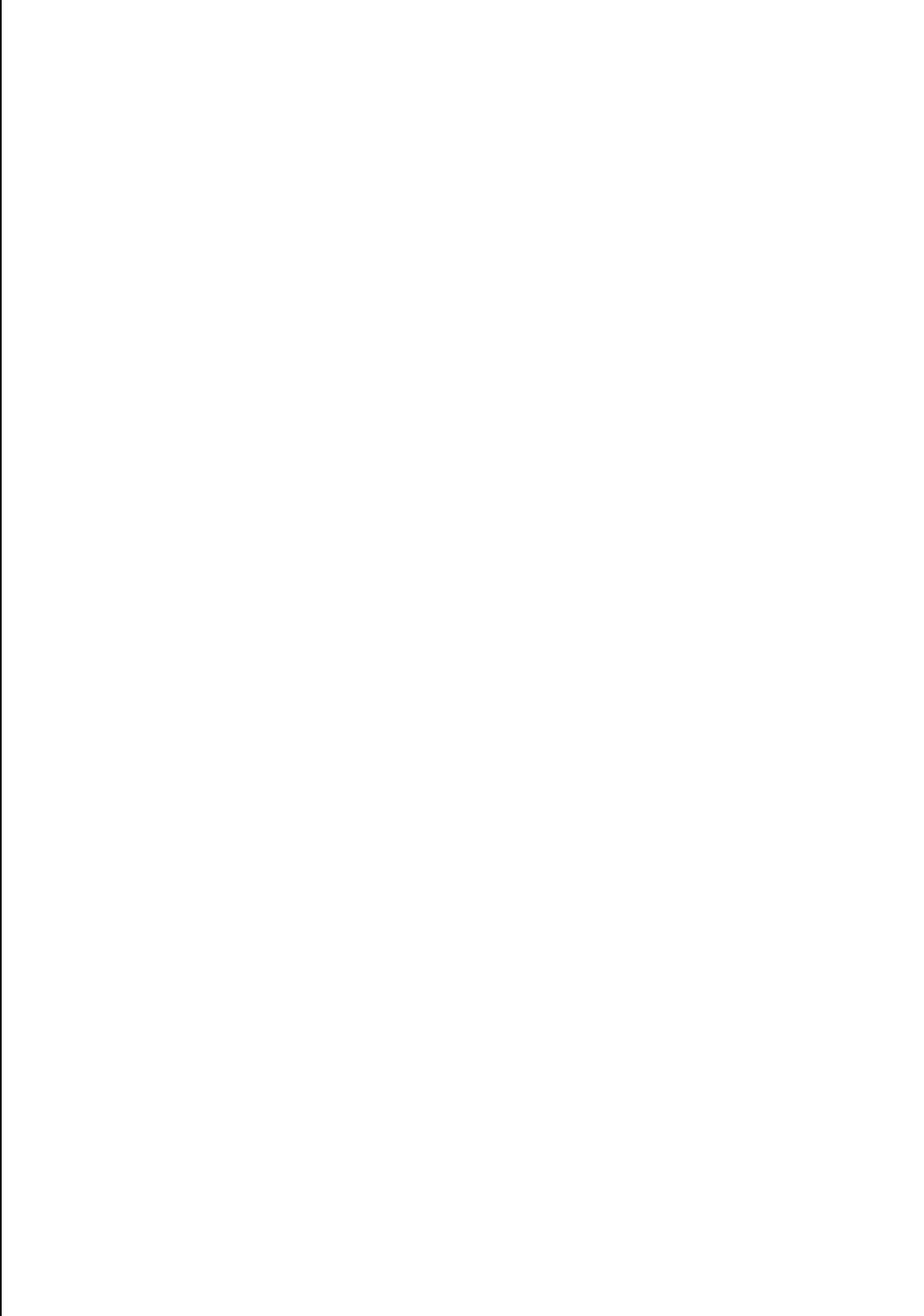
Obrigada ao IFSC pela oportunidade de realizar os projetos de pesquisa e extensão que resultaram neste livro; de modo especial ao Câmpus Lages pelo apoio à publicação; ao Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Ailton Durigon e à equipe da PROPPI, por viabilizar a publicação desta como obra de interesse institucional; a Vilson Heck Junior por todo apoio, como Diretor-Geral do Câmpus Lages e como parceiro na construção do livro; a todas as servidoras e servidores que trabalham no Câmpus; às alunas e alunos que dão sentido a este trabalho, em especial Adriele Renata Nunes e Júlia Rafaela Raitz de Borba, que foram bolsistas dos projetos; a Thiago Meneghel Rodrigues, pela colaboração com a coleta de dados da pesquisa e pelo incentivo; a Jaison Muniz por emprestar seu talento para a diagramação do livro de modo voluntário e tão dedicado; a Claudia Kuns Tomaselli e Daniella de Cássia Yano, pela revisão e avaliação do livro; a todos os informantes que colaboraram com a pesquisa, nas entrevistas e questionários; a Deborah Hoeschl, Elisandra da Silva Alves, Geancarlo Vieira Werner, Glaudson Menegazzo Verzeletti, Luciana Schmidt, Kathilce Martins Amorim, Marcelo Carlos da Silva, Nadia Garlet e equipe da Diretoria de Comunicação do IFSC, Rafael Xavier Passos, Raquel Matys Cardenuto e Robson Costa, por terem cedido imagens para o acervo da pesquisa e por terem ajudado na checagem de informações; a Doriane, Mario e Francisco, pelo suporte desde sempre; e a Mauricio, que me apoia e inspira.

SUMÁRIO

Transformando e construindo histórias	15
Prefácio	17
Leia este livro como quem escuta um caso	23
Como se faz um Câmpus do IFSC?	25
Igual Jurerê Internacional!	29
A sociedade se mobilizou e nós estamos tentando responder a isso	37
O que determina que acabou a obra?	45
Nós tivemos muita sorte, porque nenhuma delas veio para cá	53
Cheirinho de café	61
Nós ainda precisamos nos conhecer mais	67
Amor do céu, não tem nada para trabalhar	73
Todo mundo de bota, muita lama	81

Uma escolha difícil, mas acertada	89
O cachorro se aproxima do aluno de uma forma que uma pessoa não consegue	93
Preciso de alguma coisa mais forte	99
A gente queria ir para fora	105
Eu estou voltando para casa	111
Como é bom a gente ter isso	115
Naquele dia eu soube que conseguiria concretizar um sonho	123
Foi triste, né?	129
Ficamos muito satisfeitos com o resultado	139
O nosso Câmpus, eu acho que ele é feminino	147
Rapidinhas	154
Acabou o causo	157
Servidoras e servidores que trabalharam no IFSC Câmpus Lages	159
Cursos ofertados pelo IFSC Câmpus Lages 2010-2020	163
Depoimentos	165
Créditos das imagens	169
Sobre a autora	171





LINHA DO TEMPO

2007

Chamada Pública 001/2007
MEC/SETEC

Audiência Pública define as
áreas de atuação do Câmpus

2008

Cessão do Terreno pela Embra-
pa para o IFSC (antes cedido
para Epagri)

Definido o projeto arquitetô-
nico e realizada a licitação da
obra (Empresa Costa Azul)

2009

Início da obra de construção
do Câmpus

Nomeada a primeira Dire-
tora-Geral, Raquel Matys
Cardenuto (23 de março de
2009)

Início das atividades ad-
ministrativas, em uma sala
emprestada pela ACIL

2010

Chegada dos primeiros
servidores

Inauguração do Câmpus em
sessão solene no Palácio do
Planalto em Brasília (29 de
novembro)

2011

Aula inaugural do Câmpus
e dos cursos técnicos em
Agroecologia e Biotecnolo-
gia, realizada pelo Pró-Rei-
tor de Desenvolvimento
Institucional, Prof. Jesué
Graciliano da Silva e pelo
Diretor de Expansão Caio
Alexandre Martini Monti (14
de fevereiro)

Início do Curso Técnico
em Informática no segundo
semestre

2012

Entrega do Câmpus à comunidade

Realização da primeira formatura de cursos técnicos

2013

Início dos Cursos Técni-
cos em Mecatrônica, Ele-
tromecânica e Análises
Químicas

Início do curso de Pós-
-Graduação em Proeja

2015

Início do Curso Superior de Ciência da Computação

Câmpus Lages se torna o segundo maior Câmpus do IFSC (dentre os 22) em número de vagas ofertadas em cursos técnicos e superiores (440 vagas em 11 cursos no ingresso 2015.1).

Primeiros alunos em Intercâmbio

Primeiras eleições para Direção-Geral do Câmpus

2018

Início dos Cursos Técnicos em Administração e Informática para Internet

Início do Curso Superior de Tecnologia em Gestão do Agronegócio

2016

Início do Curso Superior de Engenharia Mecânica

Início dos cursos de Pós-Graduação: Gestão Escolar, e Tecnologias e Práticas Educacionais

2017

Início do Curso Superior de Tecnologia em Processos Químicos

Início do Curso de Pós-Graduação em Agroecologia

2014

Início do Curso Técnico em Agronegócio

2019

Primeira formatura de cursos superiores

2020

Início do Curso de Pós-graduação em Marketing

Primeira defesa de trabalho de conclusão de curso em dupla titulação com Instituto Superior de Engenharia do Porto

Comemoração de 10 anos do Câmpus Lages do IFSC (29 de novembro)



PRIME PARK
ARQUITETURA

Transformando e construindo histórias

Vilson Heck Junior

Diretor-Geral do IFSC Câmpus Lages

É com muita satisfação e carinho que o Câmpus Lages do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina torna público este livro com algumas de suas histórias e *causos*.

Em nome do Câmpus Lages, agradeço a dedicação da Professora Paula Clarice e das estudantes bolsistas que atuaram na condução do trabalho de pesquisa que possibilitou este registro.

Também não posso deixar de agradecer a tantos servidores, colaboradores terceirizados e estudantes que pelo nosso Câmpus passaram e deixaram suas marcas em nossa história. Cada um é parte importante do que somos e do que um dia seremos.

No começo, éramos poucos servidores. Sendo assim, havia menos *causos* e praticamente todos os servidores os conheciam. Ao longo de 10 anos, a comunidade do Câmpus Lages cresceu muito, de forma a ser impossível conhecer todo mundo e todos os *causos*.

Apesar desses 10 primeiros anos serem apenas o começo da nossa história em Lages, já chegamos criando *causos*, transformando vidas e a região. Talvez o livro seja sobre as pessoas e suas histórias, mas talvez o principal *causo* seja justamente a transformação que somente uma instituição pública de educação profissional e tecnológica poderia fazer.

Mas o que seria das pessoas, das empresas e da região sem os

seus *causos*? Para o futuro, esperamos que a nossa instituição continue *causando*.

Espero que você, leitor, possa desfrutar dos *causos* assim como eu desfrutei. E, ao mesmo tempo, entenda um pouquinho mais da nossa história, *home do céu*!

Seja bem-vindo ao Câmpus Lages do IFSC!

Prefácio

*Thiago Meneghel Rodrigues**

No prefácio deste livro imagino que o amigo leitor tem a expectativa de encontrar reflexões sobre educação, ciência, tecnologia, extensão, alguns que me conhecem um pouco mais, gestão educacional. Não é possível abordar a todos esses temas, mas também não é possível fugir deles ao introduzir um livro que versa sobre uma instituição de ensino. Mas, desde o começo, quero dar destaque a um tema medular e, até certo ponto, díspar destes: a alegria. A alegria que brota quando uma pessoa se defronta com um belo resultado de tomadas de decisão coletivas que ainda estão vivas em sua memória.

Aliás, sobre este sentimento, gostaria de comentar com você que, de maneira geral, os animais se ocupam da sobrevivência (individual e da espécie), porém os seres humanos são os únicos seres do planeta (e até onde sabemos, do universo) que se ocupam (e preocupam) com a sua felicidade, com a ocorrência de momentos de alegria ao longo de sua vida (e têm consciência disso).

É essa busca por momentos de alegria e de satisfação que justifica, para ele mesmo, as suas atitudes cotidianas, ou seja, são esses os seus motivos para as suas ações, ou seja, suas motivações. E é a soma desses momentos de júbilo que, uma vez guardados em sua memória, dão significado a sua existência.

Mesmo quando vivemos momentos de dor e tristeza, conserva-

mos em nossas lembranças a forma como conseguimos superá-los e uma nova busca por momentos alegres nos motiva e nos faz recomeçar.

Eu não tenho competência acadêmica para tratar desse tema. Mas eu, como todo ser humano, sei o que é a alegria. E confesso que, ao ler os “causos” registrados pela Professora Paula Clarice neste livro, senti de forma intensa esse sentimento.

Posso agora garantir que o ser humano experimenta uma grande alegria quando constata que colaborou para a construção de algo realmente significativo e valoroso. E quando essa obra proporciona educação, ciência e tecnologia a tantas e tantas pessoas e, assim, contribui para a promoção da justiça social, é uma das maiores alegrias que um profissional educador poderia ter.

É bem verdade que a lógica do individualismo e da busca insana por acumulação de riqueza, que se instalou na sociedade atual, pode fazer com que muitos discordem de mim. Outros tantos, oprimidos pela falta de capital, não poderão experimentar a alegria na vida profissional, pois, verdadeiramente, não escolhem o seu trabalho, mas são “escravos” do sistema que condena quem não tem capital próprio para investir nos seus talentos/dons a desperdiçá-los em troca de qualquer ocupação que lhes permita uma renda mínima.

Eu, não sei se por sorte, se por alguma competência ou se por benevolência do Bondoso Deus (ou, o mais provável, um pouquinho de cada), tive e tenho o grande privilégio de trabalhar naquilo que estimo (a educação), em um lugar que eu amo (o IFSC) e receber uma remuneração digna para fazer o bem a outras pessoas!

Ser bondoso, ser fraterno, ter compaixão, multiplica a alegria, pois torna feliz quem recebe e quem oferece. Podemos fazer o bem de diversas maneiras (a criatividade de cada um é o limite), mas a educação, principalmente a formação profissional, é uma das formas mais bonitas e eficientes. Ela permite a quem a recebeu desenvolver a sua autonomia. Aquele sujeito não precisará de um auxílio constante, mas será livre para trilhar seu caminho. E, se isso ocorrer a uma quantidade significativa de pessoas, teremos a prosperidade de uma cidade, de uma região, de uma nação.

Venho mencionando, neste texto, a minha alegria de ter par-

tipado da trajetória dessa instituição de ensino (o Câmpus Lages do IFSC). Mas, para que você possa compreender ainda melhor este meu sentimento, permita-me destacar o contexto onde os diversos “causos” registrados neste livro transcorrem. Santa Catarina é um dos estados mais desenvolvidos do país (terceiro maior IDH-M em 2017), mas Lages e a região serrana apresentam uma realidade distinta. Santa Catarina tem 293 municípios e, dos 5 piores IDHs do estado, 4 estão localizados na mesorregião de Lages – Campo Belo do Sul, São José do Cerrito, Vargem e Cerro Negro**. Isso faz com que uma instituição de ensino libertadora tenha um papel ainda mais relevante para a transformação dessa realidade.

Essa realidade regional, encontrada pelo Câmpus Lages quando chegou à cidade, é agravada por aspectos históricos: Lages e sua mesorregião foram muito prósperas no passado (década de 1950, por exemplo). Essa riqueza foi obtida através da pecuária extensiva (em grandes latifúndios) e com o extrativismo vegetal (principalmente por meio da extração de sua árvore símbolo – a Araucária). Essa glória no passado que, aparentemente, parece algo positivo, deixou a sociedade local bastante saudosista e crente de que a geração de riqueza no futuro ocorreria de forma similar ao que ocorreu no passado, dificultando o desenvolvimento de novos setores. Para ser mais claro com o leitor, por exemplo, o Câmpus Lages enfrentou bastante descrédito justamente por seus cursos formarem cidadãos para novos setores da economia local e não para os tradicionais (que já esgotaram sua capacidade de fornecer emprego e renda para a região).

O Câmpus Lages foi corajoso perante a cidade, perante o IFSC e perante a Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasil! A lei que criou os Institutos Federais (Lei nº 11.892/2008) determina em seu parágrafo 1º do art. 7º que uma das finalidades dos Institutos Federais é “ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados”. Apesar de não ser obrigatória a oferta de cursos técnicos integrados (aqueles nos quais o aluno realiza as disciplinas da parte técnica e da parte propedêutica/educação geral – Português, História, Geografia, Física, Educação Física... – tudo dentro do IF), de modo geral, os Institutos Federais e os câmpus do IFSC fazem essa oferta. No Câmpus Lages ainda

não temos cursos técnicos integrados.

Nossos cursos técnicos são na modalidade concomitante (parte técnica no IFSC e parte propedêutica em outra instituição) ou subsequente (parte técnica no IFSC, após já ter concluído a parte propedêutica em outra instituição). Essa decisão de postergar a oferta de cursos técnicos integrados para aumentar o número total de vagas ofertadas foi uma decisão coletiva e arriscada (justamente porque foge do convencional). E, como toda decisão que não é comum, recebeu muitas críticas, as principais: 1) a não formação integral do aluno (entende-se integral aqui como a não responsabilidade do IFSC pela formação das disciplinas propedêuticas); e 2) a alta evasão (em decorrência de nossos cursos não serem obrigatórios para concluir o ensino médio, mas uma formação complementar).

De toda forma, quando arriscamos alto (fugimos do lugar comum) ficamos ainda mais alegres ao ver os resultados positivos obtidos. E, apesar de as considerações anteriores serem verdadeiras, destaco que, com essa decisão: 1) nossa oferta de cursos é muito maior que outros câmpus com a mesma quantidade de servidores, pois um curso integrado precisa de, aproximadamente, 15 professores, e no Câmpus Lages, com 15 professores ofertamos até 3 cursos técnicos – somente a parte técnica (mesmo que nossa evasão fosse de 50%, formaríamos mais alunos, pois o nosso ingresso é 3 vezes superior); e 2) verdadeiramente capacitamos as pessoas para o trabalho técnico. Nos cursos integrados, é muito significativa a quantidade de alunos que busca apenas o diploma do ensino médio (interessados apenas na formação propedêutica), mas não tem expectativa real de atuar como um profissional técnico. Em Lages, é pelo conhecimento técnico que o estudante está conosco! Como diz o lageano: “*Pense!*” na minha alegria em ver tudo isso.

Quando o presidente Nilo Peçanha, um presidente de origem bastante humilde e que prosperou na vida graças à educação, criou as Escolas de Aprendizizes Artífices (primeiro nome do IFSC), lá em 1909, ele foi bem claro em sua intencionalidade. Está registrado no decreto que “facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência: que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho

profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime”.

Ao longo da sua trajetória de mais de 111 anos, essas escolas, espalhadas por todo o país, foram até certo ponto se elitizando graças à reconhecida qualidade do ensino, que acirrava a disputa por suas vagas. Mas não podemos nos esquecer do ideal que nos criou. A nossa grande contribuição para a transformação social se dá quando promovemos a quebra do ciclo da pobreza, aquela que passa de geração em geração em muitas famílias brasileiras e catarinenses.

O Câmpus Lages, desde 2015, tem a segunda maior oferta de vagas dentre os 22 câmpus do IFSC. De forma per capita, é aquele que atende a maior quantidade de alunos em vulnerabilidade social! Não preciso aqui enumerar mais e mais resultados obtidos nessa primeira década de história. O amigo leitor já entendeu de onde brota tanta alegria, não é mesmo? Nós conseguimos! Faço parte de um grupo corajoso, batalhador, que tem amor ao que faz... Bom, tudo isso (e ainda mais) o próprio leitor vai poder descobrir e comprovar nas próximas páginas.

Boa leitura! Um grande abraço! Paz e bem!

* Docente do IFSC Câmpus Lages, onde atuou como chefe do Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão (2010-2015) e como Diretor-Geral (2016-2020).

** <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/home/>

Leia este livro como quem escuta um caso

A você, que lê, peço a generosidade de ler este livro como quem escuta um caso. Ele foi escrito entre 2019 e 2020, a partir principalmente de entrevistas e de questionários respondidos por sujeitos que participaram da história do Câmpus Lages do IFSC, assim como de notícias da imprensa local, em especial do site do jornal Correio Lageano, e do site do IFSC.

As vozes que falam aqui aparecem quase sem edição. Alguns depoimentos foram editados por clareza ou pela extensão, primando pela manutenção do sentido e do contexto sempre.

Espero que suas palavras ajudem a falar em nome de todos os sujeitos que fizeram essa história. Muitas pessoas acabaram não respondendo os chamados a dar depoimento, que procuramos enviar a todas e todos. Mas isso é normal das pesquisas e eu torço para que as histórias contadas sejam representativas das que não foram contadas.

Como presente de aniversário de 10 anos para essa instituição que trouxe tanto para a minha cidade, entrego um registro da memória, guardada no coração e já um pouquinho desfocada pelo tempo, de pessoas que viveram esse tempo.

Como toda memória, é um livro incompleto. Leia sabendo que há silêncios. Aliás, acredito mesmo que o fardo de quem diz é o peso de tudo que fica no silêncio. Sempre há muito mais palavras no não dito do que naquele pouquinho que a gente ousa colocar em palavras. Por isso, este livro nasceu assim, meio crônica. *Crônico*. São palavras de uma criança de 10 anos, que saíram pelas bocas de adultos trabalhadores e estudantes, entraram pelos meus ouvidos e saíram pelas mãos, na forma do livro. Não é uma obra documental porque documentos, numa instituição pública, já temos muitos.

Então, por favor, leia este livro como quem escuta um caso.

Como se faz um Câmpus do IFSC?

A história do Câmpus Lages começa oficialmente em 29 de novembro de 2010. Mas a pré-história, a gênese mesmo, é difícil de conhecer. Afinal, este é um livro de memórias dos 10 anos de existência de uma parte do IFSC, mas o IFSC tem mais de 100 anos de história. Então nossa história tem mais de 10 anos...? Ou não...? É complicado, peraí.

Se a gente for voltar tudo, vai acabar antes da chegada da família real. Não é para tanto. Vamos colocar como ponto de partida o século XXI. Existiam várias escolas federais pelo Brasil. Aqui em Santa Catarina tinha o Centro Federal de Educacional Tecnológica, o CEFET-SC. A expansão do CEFET-SC aconteceu a partir de uma mudança de uma palavra em uma lei¹. Onde se lia que *obrigatoriamente* a expansão da educação profissional federal precisava de parcerias de estados e municípios, passou a vigorar que seria *preferencialmente* assim.

A diretora-geral do CEFET-SC era a professora **Consuelo Sielski**, que tinha como uma das metas de sua administração interiorizar a oferta. Com sua equipe, aproveitou oportunidade e, lá por 2006, já havia novas unidades implantadas: Continente, Joinville e Chapecó. Depois veio ainda Araranguá. Essa parte ficou conhecida como Expansão I. Mas isso ainda não era exatamente interiorização, porque a maior parte do IFSC ainda tinha sotaque *cantadinho*.

Um pouco depois, aconteceu a famosa Chamada Pública², que resultou na construção do Câmpus Lages, entre outros. Essa etapa é chamada de Plano de Expansão II. Ela trazia as regras para criar as novas unidades das instituições federais de educação profissional e tecnológica. Unidades que no ano seguinte (e portanto antes mesmo da sua inauguração) passariam a ser câmpus. E instituições que eram os CEFETS e viriam a ser os institutos federais. Ou seja, o “Câmpus Lages do IFSC”,

¹ A mudança foi feita pela Lei 11.295, de 2005, alterando a Lei 8.948, de 1998.

² Chamada Pública MEC/SETEC n.º 001/2007

na origem mesmo, não era nem “Câmpus” e nem “IFSC”.

A oportunidade chamou a atenção da cidade. A Associação Empresarial de Lages (ACIL), na época presidida pelo empresário **Roberto Amaral** e com **Marcelo Schlischtig** (*in memoriam*) como secretário executivo, entre outros sujeitos, foi uma das entidades que mais colaborou.

Empresas se envolveram, a Prefeitura Municipal e, claro, a direção do CEFET (que depois virou reitoria do IFSC), que se deslocava de Florianópolis para as tratativas, em reuniões acompanhadas de perto pela mídia local, como lembra o Diretor de Expansão da época (depois Pró-Reitor de Extensão e Relações Externas, com a mudança para IFSC):

Toda a reunião, toda vez que a gente ia a Lages, tinha essa questão de estar com a imprensa. Vários veículos de comunicação acompanharam. Lembro de matérias no Correio Lageano, que fazia cobertura. Tinha as rádios também, eram duas ou três rádios que estavam sempre. **Marcelo Carlos da Silva**

Muito dessa cobertura vinha de um certo clima de descrença, típico da cultura serrana, que acumula um histórico de promessas não cumpridas ao longo dos governos. Felizmente, o Câmpus se concretizou. Houve uma união de esforços, mas algumas contrapartidas que acabaram ficando, sim, na promessa:

A Chamada Pública dizia: os municípios que querem uma unidade do CEFET devem obrigatoriamente ceder o terreno, isso é obrigatório. Depois disso, quanto mais contrapartidas o município oferecesse, mais ele pontuaria para ganhar a unidade. Lages foi a que mais pontuou. A ACIL deu um carro, a Secretaria de Desenvolvimento Regional (SDR) prometeu 150 mil, que nunca pagou, mas estava no documento. A prefeitura se comprometeu a fazer muro, a dar datashow...Tinha uma série de contrapartidas. **Thiago Meneghel Rodrigues**

Assim, antes de tudo, era preciso garantir a contrapartida obrigatória. Era hora de escolher o terreno.



Igual Jurerê Internacional!

Quando vemos o prédio do IFSC no alto da Rua Heitor Villa-Lobos, não pensamos que aquela não foi a primeira e nem segunda opção de localização do nosso câmpus. Na verdade, este até poderia ser o livro dos 10 anos do Câmpus Otacílio Costa ou do Câmpus Correia Pinto.

Lages deve se orgulhar desse filho que hoje vive *lá em cima, pra trás do Bar do Gordo, ali, sabe?*³ Quando se cria uma escola, ela é resultado de uma união de forças da comunidade.

Foi preciso mobilizar educadores, políticos, entidades do mundo do trabalho e sociedade civil para que a proposta de Lages fosse não só aprovada em primeiro lugar na Chamada Pública, como foi, mas antes de tudo para ter sido concebida e construída.

Nos dias 25 de junho e 09 de julho de 2010, o Correio Lageano noticiou movimentos para a criação de um câmpus em nossa vizinha Otacílio Costa. As notícias dizem que a cidade estava montando uma comissão para elaborar uma proposta, mas depois não há menções na mídia de que tenha sido submetida.

Enquanto isso, em Lages, já fazia pelo menos quatro anos que o sonho de uma escola técnica federal existia.

Segundo a então diretora-geral do CEFET, **Consuelo Siel-ski** (depois reitora do IFSC), foram muitas reuniões e viagens de Florianópolis a Lages para definir o terreno onde seria construído o Câmpus. A primeira viagem foi ainda na época do CEFET. Naquela vez, por intermédio da então senadora **Ideli Salvatti**, um grupo de pessoas de Lages chamou **Consuelo** para conhecer o projeto da unidade nova e inclusive visitar um prédio que estava pronto para ser destinado ao novo CEFET-Lages. Havia um grupo em Lages denominado “Comissão Pró-CEFET” engajado no projeto. Estavam animados.

³ O Bar do Gordo é um estabelecimento muito antigo, localizado no cruzamento da Avenida Belisário Ramos com a Rua Fausto de Souza. Por ser um dos principais caminhos de acesso ao Câmpus Lages, para quem parte do centro da cidade, no começo do Câmpus era comum fazer essa referência ao bar para explicar a alguém como chegar ao IFSC.

Dele faziam parte, entre outras pessoas, o ex-deputado estadual **Sergio Godinho** e o casal **Rosangela e Júlio Borba** — estes são citados por várias pessoas por sua participação em iniciar os diálogos de construção da ideia de uma escola federal aqui e, coincidentemente, anos depois, sua filha **Júlia** seria aluna do IFSC e acabou sendo bolsista em um dos projetos de pesquisa que deu origem a este livro.

Depois do telefonema da **Ideli**, então, num sábado de manhã, acompanhada do diretor **Marcelo Carlos da Silva, Consuelo** foi recebida pela comissão local no tal prédio. Para sua surpresa, era o Centro André Luiz, em frente ao Parque Conta Dinheiro! Uma construção que, além de antiga, era pequena demais, sobretudo se comparada com nosso tamanho hoje. Não dava...

Mas a semente estava plantada, muitas outras vezes a equipe subiu a serra para tentar levar adiante a ideia de uma unidade em Lages.

Quando chegou a época da Chamada Pública da Expansão II, em 2007, um terreno de no mínimo 25.000 m² era a principal contrapartida que a cidade deveria dar. O terreno do Bairro São Francisco, porém, não foi a primeira, nem a segunda, nem a terceira opção. Nosso IFSC como é hoje não estava nem perto de existir.

Numa quinta à tarde, já com o diálogo avançado entre o grupo de Lages e o de Florianópolis, a professora **Consuelo** foi recebida no gabinete do prefeito **Renato Nunes de Oliveira**. Lá estavam vários empresários e figuras públicas de Lages, entre eles **Roberto Amaral** e **Nazareno Wolff**.

Uma das pautas era o tal terreno para construir a escola, que seria parte de um complexo de obras, entre as quais um shopping. A imprensa estava presente para registrar a intenção do empreendimento, que tinha até maquete. Um evento!

Segundo **Consuelo**, disseram a ela “*Professora Consuelo, a senhora conhece bem Jurerê Internacional? Eu disse: Claro que eu conheço! Olha, aqui o terreno que nós vamos doar para vocês é igual Jurerê Internacional. Eu dei um pulo da cadeira, eu disse: Meu Deus, é isso o que nós queremos!*”.

Igual a Jurerê Internacional era bom demais.

E a reunião, que começara pelas 17h, se alongou noite adentro e

só pelas 20h30 o grupo resolveu levar a comitiva de Floripa para conhecer o terreno que *parecia Jurerê Internacional*.

Um comboio de carros seguiu solenemente da prefeitura até a região onde acabou mesmo sendo construído o Lages Garden Shopping, à margem da BR-282, no bairro Guarujá.

Só que não havia iluminação. E o lamaçal era tanto que os carros não chegavam no local, muito menos no fundo do terreno onde supostamente seria o câmpus do IFSC. Entusiasmado, o grupo de empreendedores ia apontando as lanternas para o lamaçal e mostrando “*aqui vai ser um shopping, aqui um posto de gasolina, aqui um centro comunitário...*”. E lá no fundão... teria um IFSC.

Teria, mas não teve, claro. Porque a reitora teve seu dia de *boi de botas*⁴. Quanto mais afundava na lama, mais a paciência da **Consuelo** ia se esgotando com a falta de consideração.

E era lama, lama, eu perdi bota, perdi calça, minhas calças rasgaram porque a gente teve que caminhar muito! Eu disse: Como aqui? Vocês estão loucos, nos dar um terreno desse? Vocês fazerem eu vir aqui só perder tempo? Não, não vai mais ter câmpus nenhum aqui, nós vamos embora! **Consuelo Sielski**

Não deixaram ir embora. Convidaram a reitora e o pró-reitor para jantar na famosa Pizzaria Muzzarella e, durante o jantar, as pessoas riam da reação da reitora e pediam calma, mas ela não aceitou o riso e foi firme: “*A gente não pode ter essa calma, isso é não dar bola para uma instituição federal como a nossa, se não tiver um terreno bom, a gente não vem. Eu levo para Correia Pinto!*”.

Funcionou. No dia seguinte, em uma reunião na FIESC, em Florianópolis, o grupo prometeu que procuraria outro espaço.

⁴ A expressão “boi de botas” é um apelido histórico, que, diz a lenda, o nosso povo recebeu na época da Revolução Farroupilha. Consta que o pelotão que lutava junto a Canabarro, Anita e Giuseppe Garibaldi levava seus canhões em carroças puxadas por bois. Num deslocamento para a batalha, elas atolaram na lama e foram retiradas pelos soldados lageanos. Desde então, lageanos passaram a ser conhecidos pela alcunha, em reconhecimento a sua força e coragem. O apelido acabou até recebendo homenagem com um monumento, localizado na Avenida Caldas Junior e assinado pelo escultor José Cristóvão Batista.

Na semana seguinte, novamente o grupo de empresários e políticos se deslocou pela cidade em comboio durante dois dias, mostrando opções de terreno para **Consuelo** e **Marcelo**, mas sem êxito. Todos os terrenos eram muito retirados e era essencial que o acesso ao Câmpus fosse mais fácil, para que os alunos quisessem estudar lá. Foi só depois de um tempo que acabaram encontrando o terreno definitivo.

Nós visitamos cinco terrenos. Teve um na Hípica, um terreno no bairro Vila Mariza, um terreno ao lado do CAV UDESC, também visitamos um terreno da Chácara das Irmãs... E aí, acabamos visitando também o terreno que era da EMBRAPA, onde foi construído o Câmpus. **Marcelo Carlos da Silva**

Todo mundo que conta essa história do terreno dá crédito ao **Marcelo** por ter encontrado e resolvido a burocracia da liberação do terreno para a construção da escola. Foi preciso realizar diversas articulações nesse processo.

*Era um terreno federal, mas estava cedido para a EPAGRI, do governo do Estado. O caso do terreno de Lages foi bastante complexo. Levamos alguns meses, com projeto pronto e ainda com dificuldade de conseguir oficialmente o terreno. Estivemos pelo menos umas três vezes conversando com o **Murilo Flores** na EPAGRI, muito receptivo, mas também dependia de Brasília, porque o terreno era do Ministério da Agricultura. Então tivemos também algumas idas a Brasília. Foi uma grande mobilização, mas sem dúvida nenhuma foi a melhor escolha. Uma coisa que a gente sempre buscava, a nossa prioridade, era: como os alunos iam chegar até o Câmpus?* **Marcelo Carlos da Silva**

O terreno acabou agradando muito ao grupo de empresários porque a nova instituição seria vizinha do (que também ainda era um projeto) **Órion Parque**. Acabou sendo o câmpus com maior terreno do IFSC, 101.000 m².

E esse terreno você conhece. Fica ali em cima, pra trás do Bar do Gordo, sabe?







A sociedade se mobilizou e nós estamos tentando responder a isso

A proposta enviada por Lages acabou sendo aprovada em primeiro lugar na concorrência da Chamada Pública da Expansão II. Começou então o processo de construção e a implantação do Câmpus. O primeiro passo era definir que cursos seriam oferecidos e ninguém melhor do que a própria cidade para dizer isso.

O porquê desses cursos, dessas áreas, de onde vieram? Tudo vem da demanda da sociedade, das empresas, daquilo que a nossa região precisa. Tudo foi notificado e pedido. A sociedade se mobilizou para que o Câmpus estivesse aqui, para atender as necessidades da região, e nós estamos tentando responder a isso. **Vilson Heck Junior**

Mas como conhecer a vontade de uma cidade inteira? Difícil. Se é que existe uma vontade que corresponda a uma cidade inteira. Difícil também saber, até hoje, se realmente conseguimos atender. Talvez seja uma pergunta que ficará para ser respondida quando fizerem o livro dos 20 anos. Naquela época, em 2007, a solução adotada foi a realização de uma audiência pública.

Eu acho que um dos grandes marcos, também, no projeto do Câmpus Lages foi a audiência pública. Isso era um fator positivo que a gente não abria mão: em todas as cidades, a decisão pelas áreas de atuação não era da gestão. Nós tivemos audiências públicas em todas as cidades. Em Lages, foi num sábado pela manhã. **Marcelo Carlos da Silva**

Consta que o dia 10 de novembro de 2007 foi um sábado cinzeno, frio e um pouco chuvoso, *a cara de Lages*. A audiência aconteceu no auditório da ACIL e o relato é que compareceram 83 pessoas, representando 32 entidades. É fato que a gestão da instituição esperava um público maior, até porque outras, como a de Garopaba, tiveram participação

da ordem de mil pessoas.

Até por isso, era importante realizá-las. Além da definição de cursos, a realização das audiências públicas ajudava as cidades a se apropriar do projeto, entender melhor a instituição e construir junto com a instituição a proposta. E, no caso de Lages, ajudava a amansar uma esperança ainda arredida de ver o projeto sair da promessa. Afinal, e a história ajuda a entender isso melhor, essa região por muitas vezes viu as promessas de investimento minguaem sem se realizar. Ainda bem que dessa vez foi diferente.

*As audiências públicas eram organizadas com antecedência. Primeiro a gente marcava a data, em conjunto com a prefeitura e com os parceiros, depois fazia um grande chamamento público, por meio da imprensa, para convidar todas as pessoas e instituições para participar. A audiência pública tinha objetivo de ser a primeira fonte de informação de quais eram as áreas em potencial. A gente recebia nas audiências públicas as indicações de muitas áreas. É claro que tinha a questão da representatividade, houve mobilização tanto do setor comercial e industrial, como também de organizações não governamentais, sindicatos também, e de pessoas que foram participar da audiência para indicar as áreas que consideravam mais relevantes para a região. Pelo instituto, pelo CEFET na época, estávamos presentes eu, a reitora **Consuelo Sielski**, a **Nilva Schroeder**, que era diretora de ensino, e o professor **Albertinho Della Giustina**. **Marcelo Carlos da Silva***

A audiência pública realizada na ACIL resultou em quatro áreas, que deveriam ser os primeiros cursos técnicos: Agroecologia, Biotecnologia, Elétrica e Mecânica. Os dois primeiros até hoje são oferecidos e deram origem à área de Ambiente e Saúde. Os dois últimos acabaram se fundindo no curso Técnico em Eletromecânica e no Técnico em Mecatrônica e sua presença deu origem à área de Processos Industriais. E os cursos técnicos da área de Informática e Cultura Geral?

Como **Marcelo** afirma, a audiência pública não foi a única fonte de informação sobre quais áreas teriam cursos oferecidos na futura escola. E essa informação era essencial para o seguimento do processo de detalhar o projeto do Câmpus — que tinha um projeto de prédio, mas ainda sem definição de quais laboratórios e equipamentos seriam

instalados nele, ou quais docentes seriam necessários para compor o quadro. Era preciso construir um projeto pedagógico para ser a alma daquele corpo.



Na audiência pública: Júlio Borba, Albertinho Della Giustina, Nilva Schroeder, Marcelo Carlos da Silva, Consuelo Sielski, Ideli Salvatti, Neusa Zanghelini, Sérgio Godinho e Valdeci Costa.

A área de Informática e Cultura Geral teve origem um tempinho depois, quando a primeira diretora-geral **Raquel Matys Cardenuto** já atuava com os primeiros servidores na construção dos cursos.

*A **Raquel** começou a receber algumas solicitações de empresas, de outras entidades, incluindo a ACIL. Dentro da ACIL existe um Núcleo TI (Tecnologia da*

Informação), é um núcleo muito forte, com muitas empresas. Essas empresas se mobilizaram, coletaram assinaturas e trouxeram ofícios e documentos pedindo cursos de desenvolvimento de sistemas e de computação. Precisavam de pessoas para trabalhar, para inovar, para criar novos negócios. Também havia o plano de ter um parque tecnológico perto do IFSC [Órion Parque], queriam fazer parcerias. Então, a partir desta carta, eu e o professor **Marcos Pisching** começamos a avaliar as possibilidades. Aqueles cursos da audiência pública estavam sendo contemplados? Estavam sendo contemplados. Nós teríamos condições de ofertar cursos a mais? Teríamos. Então se organizou isso no Câmpus. Com esse embasamento, fizemos mais algumas consultas a empresas para determinar perfil de cursos e começamos a trabalhar realmente na construção da área de Informática e Cultura Geral no Câmpus. **Vilson Heck Junior**

E foi assim que começaram os cursos técnicos do Câmpus Lages. Muitas mudanças aconteceram, tanto na reestruturação de cursos quanto na extinção e criação de outros. Depois de Agroecologia, Biotecnologia e Informática (2011), vieram os técnicos em Eletromecânica, Análises Químicas e Mecatrônica (2013); Agronegócio (2014); Administração e Informática para Internet (2018).



Os primeiros servidores ainda trabalhando na sala emprestada pela ACIL

A questão dos cursos, aliás, é uma das marcas de nossa singularidade entre os câmpus do IFSC, somos um dos poucos que não oferecem o curso técnico integrado ao ensino médio e sim nas modalidades concomitante e subsequente. Esta é uma particularidade sobre a qual pouco se fala no Câmpus hoje, parece mesmo não ser uma questão. Mas, no âmbito institucional, acaba dando pano para manga e, *serra abaixo*, na reitoria, é um assunto que *voltimeia* ressurge.

A gente não tem integrado, outros quatro ou cinco câmpus não têm também. Somos minoria. Então várias decisões do IFSC não são tomadas pensando na nossa realidade. O Câmpus Lages teve bastante problema por não ter integrado, principalmente porque, sem o integrado, há uma alta taxa de evasão. Isso é verdade. Só que nós temos uma oferta muito maior. E digo mais: nós formamos só 18 técnicos em Eletromecânica, mas quantos desses vão trabalhar na indústria ou como profissionais liberais, como técnicos em Eletromecânica? É a pergunta que eu faço. E quantos do integrado, que se formaram no outro câmpus, vão trabalhar como técnicos? Nós conseguimos ter uma oferta muito maior para a população, somos o segundo maior câmpus do IFSC em oferta. A população vem e se evade, isso é verdade. Mas por que ela evade? Porque ela não é um estudante do ensino médio que tem a vida só para estudar, que está ali pra fazer um bom ensino médio e tentar uma vaga na UFSC. Não é essa realidade. É um estudante que já trabalha, já tem filho, já tem esposa, tem que ficar dois anos estudando à noite e vão acontecendo coisas na vida dele, que levam a desistir... Mas, quando ele se forma, esse aluno realmente vai trabalhar como técnico. Então, se nós temos os dados do Ministério do Trabalho segundo os quais faltam técnicos no Brasil, o nosso modelo contribui.

Thiago Meneghel Rodrigues





O que determina que acabou a obra?

Então o Câmpus já tinha autorização para existir, tinha terreno, tinha previsão de cursos. Faltava executar tudo isso. As regras da Chamada Pública de 2007 estabeleciam que, nos primeiros cinco anos, o câmpus novo deveria ter na direção-geral uma pessoa designada pela reitoria. E nessa época já era reitoria mesmo, porque a Lei 11.892 tinha transformado o CEFET-SC em IFSC.

Então, dia 23 de março de 2009, foi nomeada a primeira Diretora-Geral da nossa história, a bibliotecária **Raquel Matys Cardenuto**. Na época, ela era Coordenadora de Extensão e Relações Externas no Câmpus Continente. E o Câmpus Lages era uma escola muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada.

*Existia esse terreno, com a terraplanagem, e existia um carro oficial do Câmpus. Quando eu aceitei ser diretora, a **Consuelo** falou para mim: “Então, agora que já estás nomeada, tu vais pegar aquele carro oficial que está parado aqui, que é o carro do Câmpus, e vai para Lages. Lá tu vais te apresentar na ACIL, vais falar lá com um cara muito legal que é o **Marcelo Schlischtig**, que ele te dá uma sala”. E foi assim que eu fiz. Não acredito até hoje que eu peguei o carro, numa segunda-feira, e botei minha malinha. Fiz minha mãe pegar um ônibus e ir no mesmo horário, porque era carro oficial e eu queria seguir todo o regulamento. E, assim, fui na ACIL e me apresentei. Eles me emprestaram uma sala e eu comecei a ver o que eu ia fazer, como é que eu ia trabalhar. A sorte é que a gente tinha esse grupo muito legal que eram os diretores da Expansão II. A gente trocava ideia, todos estavam na mesma situação. Cheguei em 23 de março de 2009 e logo a gente já começou a trabalhar a compra de equipamentos, licitação, pregão... No serviço público é muito difícil comprar. A parte do comprar, da especificação, da montagem, isso deu trabalho. Eu lembro que eu fazia listas, tabela, tabela, Excel, Excel, tinha muita coisa. **Raquel Matys Cardenuto***

A fiscalização da obra em andamento era um trabalho conjunto da **Raquel** com a reitoria do IFSC. Além da professora **Consuelo** e do

professor **Marcelo**, que tinham trabalhado na aprovação da proposta de câmpus, desde o começo havia o suporte da diretora de Ensino **Nilva Schroeder**, da diretora de Administração **Rosângela Casarotto** e da equipe da reitoria em Florianópolis, no apoio aos câmpus em implantação.

E tinha, mais diretamente, o trabalho do diretor de expansão **Caio Alexandre Martini Monti**. A função dele era supervisionar todas as obras dos novos câmpus, que iam do litoral até o Oeste do estado.

*Junto com o engenheiro **Odemir** e o motorista **Antônio**, nós fazíamos cerca de 2.000 km a cada viagem. Fazíamos um trecho às vezes saindo pelo sul, outras pelo Norte, indo até o Oeste e voltando. Isso nos deu várias horas de cansaço físico, várias hérnias, além de vários riscos de estrada. Mas passamos várias alegrias, desde as formaturas até nos tornarmos consultores nacionais, porque a gente ia para outros estados do país para fazer consultorias de como fazer expansão. Eu gostaria de escrever um livro sobre a expansão e eu tenho até um título, que seria “A História de Cama e Mesa da Expansão”. Pois dormimos em muitos hotéis com camas diferentes e comemos em muitas mesas de restaurantes, de botecos, de casas... Em Lages, teve uns três ou quatro hotéis em que eu me hospedei. E eu almoçava em muitos lugares diferentes. A gente comeu um lambari, lá no centro, na praça, no restaurante Butkaio. Era o único lugar no estado que tinha lambari frito no bufê! **Caio Monti***

A empresa que fez a obra do Câmpus Lages se chamava **Costa Azul** e os relatos de várias pessoas são de que houve problemas na relação com essa empreiteira.

*Eu lembro de Lages do tempo que a gente chegou na obra, eu tenho foto disso, do primeiro canteiro de obras. Foi um dos canteiros de obras mais bem feitos que se teve em todas as obras, mas foi uma das empresas que mais incomodou. Canteiro de obras são aquelas casinhas, onde se guardam as ferramentas, o cimento, onde funciona o escritório. Era tudo bonitinho, branquinho, arrumadinho com cerquinha. Só que a obra era um relaxamento, as formas eram todas tortas, problemas na hora de fazer a caixaria... **Caio Monti***

Embora haja, para alguns, certa polêmica sobre a data do aniversário do Câmpus, sua inauguração oficial aconteceu no dia 29 de novembro de 2010, razão pela qual celebramos nossa primeira década em 2020. Essa controvérsia tem a ver com o andamento das obras de construção do Câmpus.

A cerimônia de inauguração aconteceu em Brasília, com o presidente **Lula** e o ministro da educação **Fernando Haddad**. O IFSC foi representado pela reitora **Consuelo Sielski** e o Câmpus, pela diretora-geral **Raquel Matys Cardenuto**. O empresário **Roberto Amaral**, presidente da ACIL, representou o prefeito de Lages na solenidade. Outros diretores-gerais também estavam, porque a cerimônia era uma inauguração coletiva dos câmpus da Expansão II. As falas das autoridades, naquele dia, lembravam da importância de interiorizar a educação profissional gratuita e de qualidade.



Inauguração do Câmpus Lages em Brasília

E a polêmica? Bem, a obra do Câmpus inaugurado em 2010 ainda não estava pronta. E nem estaria no ano seguinte. Em 02 de março de 2012, a reitora já era a professora **Maria Clara Kaschny Schneider**, que veio a Lages para uma cerimônia que foi chamada de *Entrega*

do Câmpus à Comunidade e é citada por alguns como o verdadeiro aniversário do Câmpus Lages.

*Eu estive no Câmpus quando fui fazer campanha como candidata a reitora, em 2011, ele não estava totalmente pronto, ainda tinha todo aquele processo do entorno dele. Tinha bastante coisas para fazer. Então, quando eu entrei, a gente trabalhou nessa parte de finalização das obras, de toda a parte de urbanização, de calçamento, toda a parte externa. Eu lembro da inauguração, que foi uma cerimônia muito bonita, foi uma festa de muita alegria por ter conseguido que o Câmpus tivesse sido entregue. A gente estava entregando a estrutura para a comunidade e foi com a presença de muita gente, de muitos políticos, foi muito bonito mesmo. Então esse é um acontecimento bem marcante que eu tenho na memória, lembranças muito boas desse momento. **Maria Clara Kaschny Schneider***

O informativo **Contato**⁵, da reitoria do IFSC, na edição de abril de 2012, anunciou que foi um evento grandioso, com centenas de pessoas:

O IF-SC realizou em março o ato de entrega do Campus Lages à comunidade, um evento que marcou a finalização das obras externas, como estacionamento, muro e portaria. O evento teve a participação de aproximadamente 400 pessoas. O IF-SC não tratou a cerimônia como inauguração oficial do Campus Lages, pois ela havia ocorrido num evento em Brasília no final de 2010. Na ocasião, foi dada a autorização de funcionamento do campus, que iniciou as aulas no primeiro semestre de 2011.

E, como dá para ver pela publicação oficial, não se trata de uma verdadeira controvérsia a data do aniversário do Câmpus. Que a inauguração foi em 2010 não se discute. O que várias pessoas levantam, e têm sua razão, é a dimensão política de uma inauguração de uma obra não acabada.

Se fosse para esperar tudo ficar pronto para inaugurar, nunca seria inaugurado, pois até hoje continuam sendo adicionados equipamentos. Então, uma vez feita a casca e tendo alguns recheios dá para inaugurar. Eu tenho essa teoria porque eu

⁵ Disponível em: https://linkdigital.ifsc.edu.br/files/jornal_contato_abril_2012.pdf.

particpei de várias inaugurações e em todas faltava alguma coisa. O que determina que acabou a obra? É quando a empreiteira avisa que o contrato acabou e não tem mais o que ser feito. **Caio Monti**

Mas dentre as obras prometidas na Chamada Pública em 2007, uma é campeã inquestionável em demora: a calçada da rua de acesso ao Câmpus. Uma das contrapartidas prometidas pelo Município, a calçada da Rua Heitor Villa-Lobos só veio a ser construída no décimo ano de existência do Câmpus, em 2020, três prefeitos e muitas promessas depois.



Jesué Graciliano da Silva, Ideli Salvatti, Consuelo Sielski, Maria Clara Kaschny Schneider e Raquel Matys Cardenuto na entrega do Câmpus à comunidade





Nós tivemos muita sorte, porque nenhuma delas veio para cá

A partir daí, o caminho era a formação de pessoal para trabalhar no novo câmpus. A **Raquel** trabalhava sozinha na ACIL e aos poucos os primeiros servidores foram chegando, em 2010. Tudo gente boa.

O povo de Lages é “fogo” (não vou falar palavrão!). Gostam de trabalhar, vestem a camisa. Tenho uma lembrança assim, eu admiro muito, eu aprendi a admirar. É um povo forte. **Raquel Matys Cardenuto**

Mas, quando chegaram, o prédio seguia em construção. Por isso, as novas pessoas foram trabalhar no espaço cedido pela ACIL. Só que era um espaço provisório e, claro, precário, já que nenhuma sala poderia ser suficiente para conter um câmpus, mesmo incipiente. Foi assim para todo mundo que chegou nesse primeiro ano. Pelo menos tinha duas opções de temperatura.

Num primeiro momento, o lugar onde iniciaram os trabalhos, lá na ACIL, era tipo um sótãozinho, uma portinha. Quando eu cheguei, como já tinha um grupinho de servidores, nós usávamos a sala da diretoria e outra sala grande, de reuniões. Geralmente em uma sala ficavam as professoras que não gostavam de ar condicionado muito gelado e, na outra, os professores que não gostavam de uma temperatura muito quente. **Thiago Meneghel Rodrigues**

Uma experiência meio Harry Potter: primeiro ficaram num quartinho embaixo da escada, só depois foram para uma escola grandona, com as escadarias e toda a magia. E quem ia chegando tinha todo tipo de reação, pois passar no concurso público é como receber a coruja de Hogwarts, né? A pessoa cria expectativa.

É engraçado que as coisas na vida dependem muito da sua percepção. Às vezes você espera menos, vai lá e vê uma coisa legal. E às vezes está esperando mais... Eu lembro que, para mim, eu estava tão abandonada na época, numa sala

pequena, que quando me ofereceram a sala de cima da ACIL, eu achei super legal. Mas pessoas do primeiro grupo que fez concurso acharam que iam entrar em uma escola pronta. E não tinha nada! Eles tiveram que entender o que estava acontecendo, e eu tinha que explicar. Uns gostaram, outros não e a gente teve que trabalhar todas essas relações. A gente numa sala na ACIL e as pessoas pensavam “Peraí, eu passei num concurso e não tem uma sala de professor? Como é que é?”.

Raquel Matys Cardenuto

Errados não estavam. Esse fenômeno aconteceu em vários dos câmpus da expansão do IFSC, de receber os primeiros servidores sem ter lugar definitivo para trabalhar. Enquanto alguns se identificavam com o papel de pioneiros, outros se indignavam com a precariedade da situação. O diretor de expansão **Caio Monti**, que trabalhou na implantação de 14 câmpus, inventou um mantra para lidar com as insatisfações, que de tanto repetir é lembrado até hoje por alguns servidores: “*Quem quer acha um jeito, quem não quer acha mil desculpas*”.

O primeiro servidor lotado no Câmpus Lages foi o professor **Marcelo Coutinho**, que veio por remoção e viveu a experiência de ser o único professor em uma escola sem alunos e sem cursos, em plena Copa do Mundo. Em dia de jogo, tinha que contar com o bom senso da chefia.

Eu lembro que o Marcelo chegou, o Coutinho, ele me ajudou, ficou trabalhando. Na época da Copa, eu lembro que ele me pedia para sair, para ver os jogos do Brasil. **Raquel Matys Cardenuto**

A primeira turma que veio pelo concurso chegou em setembro de 2010. E, ainda na ACIL, tivemos também a primeira funcionária terceirizada, **Maria Salete Ribeiro Santana**, que atuava na limpeza e, depois de um tempo fora, voltou e está conosco completando os dez anos.

Ao longo daquele segundo semestre de 2010, foram chegando muitos outros colegas e pelos anos seguintes continuariam chegando cada vez mais docentes e TAEs. Muitos destes primeiros servidores estão no Câmpus até hoje. Inclusive foi nesse ano de 2010 que ingressou na instituição o trio que vai inaugurar a segunda década na gestão do

Câmpus: o diretor-geral **Vilson Heck Junior**, a chefe DAM **Kathilce Martins Amorim** e o chefe de ensino **Silmar Primieri** (este naquela época ainda era servidor no Câmpus Urupema, veio por remoção um tempo depois).

Naquela fase, quem entrava pelo concurso tomava posse em Florianópolis, na reitoria, e depois de algumas semanas voltava à capital para participar de uma ambientação.

*Era preciso partir para capacitação desses professores e técnicos administrativos, porque uma das coisas que a gente queria é que cada câmpus conhecesse muito do que é um instituto federal. O projeto era não somente levar uma escola, mas uma escola de conceito, que fosse de acesso universal. Era isso que a gente precisava passar para cada servidor do instituto. **Marcelo Carlos da Silva***

Então, algumas semanas depois da chegada desse grupo de servidores em 2010, aconteceu a tal ambientação e, nessa ocasião, um dos docentes tomou um susto para não esquecer nunca mais.

*Uns dias depois da posse, eu vou para uma ambientação, lá em Florianópolis. Foi todo mundo, veio um ônibus de São José nos buscar. Antes de viajar, a **Raquel**, que era a diretora, chega para mim e diz: “Thiago, eu e a **Consuelo** queremos conversar contigo lá em Florianópolis”. Na minha cabeça, já achei que ia ser exonerado, né? Porque eu tinha acabado de fazer o concurso. Pensei: alguém entrou com alguma liminar, o IFSC não vai poder me nomear, eles vão ter que voltar atrás e eu vou ser exonerado, durou duas semanas a minha alegria de servidor público! Aí eu chego lá, se não me engano foram dois dias de capacitação em um hotel em Florianópolis. Antes de voltar pra Lages, sentamos eu, a **Consuelo**, a **Raquel** e o **Caio Monti**. E a **Consuelo** fala pra mim: Thiago, a **Raquel** está há dois anos lá em Lages, está precisando de ajuda e nós queremos que tu assumas a chefia DEPE. Eu não fazia a mínima ideia do que era isso, inclusive quando ela falou DEPE eu nem sabia o que significava a sigla. Eu achava que ia ser demitido, ela dizendo que eu ia assumir alguma coisa? Ótimo, eu estava ali pra ajudar! A portaria da minha nomeação para chefe DEPE é de 23 de novembro, antes de dar um mês que eu estava na instituição. E, quando chega dezembro, a **Raquel** me fala: “Thiago, estou aqui faz dois anos e sem férias! Vou tirar 40 dias de férias, tu és o diretor-geral!”. **Thiago Meneghel Rodrigues***

Mal sabia ele, né? **Thiago** ficou chefe DEPE por toda a gestão da **Raquel**, ao lado do **Geancarlo Vieira Werner** na chefia DAM. Em 2015, candidato único, **Thiago** foi o primeiro diretor-geral eleito do Câmpus. Em 2019, quando tivemos novas eleições, um momento histórico: nosso primeiro pleito com duas chapas. Elegeu-se a chapa do professor **Vilson**, mas vale a menção à chapa oponente. Graças à concorrência de **Fernando Domingos Zinger** para direção-geral, **Robson Costa** para DEPE e **Glaudson Menegazzo Verzeletti** para o DAM, tivemos nosso primeiro debate eleitoral, que mobilizou estudantes e servidores na discussão dos projetos para o Câmpus. E eu, *bem faceira*, fui a mediadora do primeiro debate entre candidatos à direção-geral.

Mas entre a posse da turma de 2010 e as eleições de 2020 muita água rolou. E àquele grupo que trabalhava na ACIL incumbia uma missão grandiosa: andar com a burocracia intensa dos processos administrativos, e criar os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs). Aquelas pessoas trabalharam duro, muitos sem ter formação para docência ou gestão escolar, todos aprendendo a ser educadores enquanto levantavam uma escola do zero. Não era só a obra que precisava ser acabada, havia profissionais em construção também.

E, sendo Lages um destino pouco cobiçado, em comparação com os câmpus de cidades grandes e litorâneas, de modo geral, desde o começo havia certa predominância de servidoras e servidores da região de Lages no quadro. O *nosso jeito* acabou pegando bem.

Eu acho que a fortaleza do Câmpus Lages são as pessoas, a gente tem um grupo de servidores muito bom, muito qualificado, muito aguerrido, são muito empenhados para que o Câmpus dê certo. Então para mim, essa é a maior força. **Maria Clara Kaschny Schneider**

Essa postura das pessoas, de ir além de suas obrigações, sempre que há uma necessidade ou oportunidade, é o principal ponto forte do Câmpus Lages, na minha opinião. É o que leva este Câmpus a ter destaque em tantas situações diferentes. E acredito que devemos zelar para que isto nunca se perca. **Geancarlo Vieira Werner**

Se existem algumas pessoas não tão qualificadas ou ruins, nós tivemos muita

sorte, porque nenhuma delas veio para cá. **Vilson Heck Junior**

Essa dedicação que impressiona desde o começo do Câmpus reflete em um trabalho que é prazeroso, um ambiente saudável e que reflete no serviço prestado à sociedade e, acima de tudo, aos estudantes. A qualidade do trabalho cresce quando as pessoas se sentem bem na rotina da instituição. E quem trabalha no Câmpus Lages, de modo geral, tem prazer em estar junto fazendo Educação.

E percebo isso no trabalho dos TAEs nestes 10 anos de Câmpus Lages. Viveram o IFSC de forma intensa, se dedicaram, demonstraram muita vontade de fazer um trabalho diferenciado, e fizeram parecer simples questões que na verdade não são. Digo isso, pois trabalhei diariamente em contato com gestores de outros Câmpus neste período, e acompanhei diversos problemas e situações difíceis com as quais seus Câmpus conviveram, e que graças ao trabalho dos TAEs do Câmpus Lages, aqui foram evitados. **Geancarlo Vieira Werner**

2020 é um ano difícil de nós falarmos positivamente dele. Mas, especificamente no Câmpus Lages, eu tenho muitas experiências positivas sim, do lado dos servidores, até nesse período. Eu percebo que o Câmpus Lages é formado por um grupo de servidores muito qualificado e muito interessado em resolver os problemas, o que eu acho que é um dos principais pontos para esse ano difícil, porque muitas coisas novas surgiram, muitos problemas novos, eu percebo que as pessoas querem resolver e não complicar mais. **Silmar Primieri**





Cheirinho de café

Quem diz que viveu os 10 anos do Câmpus Lages sem participar de algum café... ou está mentindo ou viveu errado. Claro que o café é simbólico. Tem gente que prefere chá, chimarrão, suco, refri... Vale a reunião. Engraçado que essa história de se reunir para comer tem registro desde a construção do Câmpus.

Comi muito pinhão aí. Quando eu chegava, sempre tinha alguém comendo pinhão. Então pinhão era uma referência, não tinha como chegar em Lages para acompanhar a obra e não ter alguém comendo pinhão. Os próprios pedreiros estavam comendo pinhão. Caio Monti

Nos primeiros anos de funcionamento, o Câmpus tinha serviço de copeira. Quem trabalhava na copa era a dona **Aida de Fátima Rodrigues** e quase toda tarde tinha bolo no horário do intervalo das aulas, que ela preparava com ingredientes levados pelos servidores. Como ainda eram poucos trabalhando no Câmpus Lages, cabia praticamente todo mundo na sala dos servidores. O cheiro de bolo no corredor era o aviso da hora da pausa.

Isso foi mudando conforme o Câmpus foi crescendo, claro. Com o fim do serviço de copeiragem e a vertiginosa piora da qualidade do café de licitação, cada setor foi instalando sua cafeteira e as confraternizações diárias do Câmpus inteiro *acabaram acabando*, tornando-se eventos semestrais ou bimestrais. Mas até hoje tem reuniões diárias para o café da tarde em pequenos grupinhos. Com prosa boa e às vezes até um cheirinho de rosca de polvilho assando, geralmente por capricho da **Rita Timmermann**.

Em junho de 2020, quando estávamos completando três meses de atividades não presenciais pela pandemia de coronavírus, a **Comissão de Ensino** organizou a **resPIRADA PEDAGÓGICA**, trocadilho com a tradicional Parada Pedagógica, que aconteceu on line, pela ferramenta Google Meet. O encerramento do evento foi um café virtual com música ao vivo tocada pelo professor **Willian Galdino Lunardi**.

A turma honrou o costume de se reunir em torno da mesa de café, cada um com sua caneca, em sua própria casa. A professora **Rita Cassia Freitas Santos**, sobre o café virtual, resumiu: *O café é um convite, ele aproxima, até relaxa. Pode ser um momento de contemplação.*

Por isso é tão bom. Nos fins de tarde, é comum os grupos se reunirem e assistirem àquele pôr do sol maravilhosamente inexplicável nas mesas da cantina, entre o turno da tarde e o da noite.

Talvez o costume da prosa ao redor da mesa de café seja uma das coisas que Lages deu ao IFSC. Porque isso qualquer serrano vai confirmar: nesta terra, a visita geralmente é recebida na cozinha, não na sala.

Teve um professor, que já foi embora, que levou uma máquina de fazer pão para o laboratório de Histofisiologia. Todo dia às cinco da tarde tinha pão. Nós temos um laboratório de Alimentos, por que aquela máquina de pão ficar no laboratório de Histofisiologia? É uma questão que eu nunca consegui responder! Mas eu lembro que, todo dia, os professores desciam para comer pão no laboratório. Não pode? Não pode, mas todo mundo fazia. **Mariele Abadia Elias**

Muitas vezes, ao longo desses 10 anos, os cafés foram de despedida. Toda hora alguém está sendo removido, partindo, terminando um contrato temporário. Geralmente nessas ocasiões alguém chora, de emoção e saudade antecipada.

Houve também muitos cafés de aniversários. E chás de fraldas, inesquecíveis, de celebração das vidas que vêm e seguirão vindo. E as confraternizações com nossos alunos, ao final de projetos, nos finais de semestre. A fruta e a bolacha do Programa Nacional de Alimentação Estudantil (PNAE), mais recentes, que inauguraram um *point* na porta do Laboratório de Alimentos. A famosa **Feijoada da Agro**, em que se compartilha o alimento cultivado desde a semente. E os *coffee breaks* dos eventos, tantos eventos, cada um com a sua paradinha para respirar, recarregar e começar tudo de novo.

O cheirinho de café no IFSC me lembra, principalmente, das confraternizações de final de ano e de natal, pois essa época é marcada pelo sentimento de finalização e despedida, com a maior parte dos servidores saindo de férias e a conclusão de mais um ano letivo. São momentos de descontração e união, afinal além de colegas

temos amigos no espaço de trabalho. Mesmo com o grande número de servidores, ainda temos muita união no Câmpus. E é bonito de se ver o empenho e a dedicação dos servidores em prol da educação pública, gratuita e de qualidade para as pessoas da região. Confraternizar para mim representa celebrar a amizade, a união, o sentimento de que, mais que um aglomerado de servidores, somos uma família, a família Câmpus Lages do IFSC. **Elisandra da Silva Alves**







Nós ainda precisamos nos conhecer mais

Dia 22 de novembro de 2010, o **Correio Lageano** noticiou o primeiro processo de ingresso para cursos técnicos no Câmpus, ocorrido na véspera. Naquela época, havia uma prova de seleção, que depois foi substituída pelo ingresso por sorteio. Numa manhã de domingo de fim de ano, finalmente, o Câmpus se preparava para receber suas duas primeiras turmas de curso técnico: Agroecologia e Biotecnologia.

Mas a manchete do jornal **Correio Lageano** do dia 14 de fevereiro, infelizmente, dizia *Iniciam as aulas mas sobram vagas*⁶. E foi mesmo complicado se tornar conhecido na cidade, ainda ia levar um tempinho até os alunos poderem dizer que estudavam no IFSC sem ter que complementar com *aquele verde, lá pra trás do Bar do Gordo, lá em cima, sabe?*

Se o Câmpus fosse uma pessoa, o que falaria para a cidade? Muita coisa. Desde “Nós podemos mais juntos” até “Nós ainda precisamos nos conhecer mais”. **Thiago Meneghel Rodrigues**

O trabalho de se comunicar com a região é desafio até hoje, mas no começo era desconhecimento total. Os cursos haviam sido escolhidos na tal audiência pública, mas parecia que o público mesmo nunca tinha ouvido falar em Agroecologia e muito menos em Biotecnologia. Os alunos que iam chegando eram parceiros na divulgação.

*Em 2011, na época do Dia das Crianças, realizamos, junto com os professores **Marcos Pisching** e **Ana Lúcia da Silva Lima**, um trote solidário do curso de Biotecnologia. Conseguimos realizar a coleta de brinquedos, que foram doados para a Instituição Creche Lar do Caminho. Foi bastante tocante o feedback das*

⁶ Disponível em: <http://cl.clmais.com.br/informacao/16141/iniciam-as-aulas-noifsc-de-lages-mas-sobram-vagas>

crianças. E foi um engajamento dos alunos, que é sempre interessante. Foi uma oportunidade de mostrar para a sociedade lageana o que era o Instituto Federal e como que ele poderia atuar. Como nós estávamos no início do processo de consolidação do Câmpus, era preciso se fazer conhecer através de várias ações. **Fábio Zanella**

Era preciso mesmo encontrar um jeito de se mostrar para a sociedade. Os servidores às vezes até se desesperavam, porque para divulgar era preciso explicar muita coisa: o que é IFSC, o que é educação profissional, o que faz cada curso e até convencer as pessoas que um instituto daquele tamanho era para estudar de graça. E tudo isso sem grandes recursos financeiros para anunciar na mídia. Nessa época, surgiu uma ideia de divulgação que acabou não dando muito certo.

Tivemos uma participação do Câmpus na Festa do Pinhão que foi o maior fiasco. Imagina, a festa começava oito da noite, as pessoas chegavam lá bebendo “bugio”, você vai chamar o cara e tentar falar para ele fazer um curso técnico? Não, né?! E era bem na descida pro show a nossa casinha. Só serviu para nós batermos umas fotos com as princesas, com a gralha azul... Não serviu para nada, mas foi uma experiência. Tivemos muitas ações na praça, até porta de supermercados já fizemos divulgação, muitas vezes, também. **Thiago Meneghel Rodrigues**

Essa questão está presente desde a gênese, mas também temos que ver pelo contexto da educação profissional de modo mais amplo. Não apenas para uma escola em implantação, como era o caso do nosso Câmpus, mas para o IFSC todo, assim como para as instituições tecnológicas em geral, ainda há caminho pela frente, nessa aproximação com a sociedade e com o mundo do trabalho.

*Acho que a gente tem questões para melhorar. Uma das coisas é procurar fazer mais integração com o mundo do trabalho, com as empresas, com outras instituições. Mas eu acho que nesses 10 anos a gente avançou muito, muito, muito. E penso que a **Raquel** e o **Thiago** foram muito proativos em relação a isso. Participei de alguns movimentos e eventos do Câmpus Lages, buscando conectar o setor econômico com a instituição. Mas isso também é novo, não temos isso muito forte em nenhum lugar. A gente não tem uma cultura de a instituição de ensino estar conectada com empresa, com indústria e tudo mais. Mas eu vejo*

que a gente já avançou bastante. **Maria Clara Kaschny Schneider**

Em 2009, quando a **Raquel** chegou para iniciar o trabalho, o Câmpus Lages vivia sua fase embrionária. Era de se esperar que houvesse certa expectativa pelo nascimento, sobretudo na cidade que ficou em primeiro lugar na Chamada Pública, de tanta mobilização, mas não foi bem assim. O IFSC estava gestando o novo câmpus, preparando o enxoval, mas a cidade ainda relutava em aceitar. Pensando agora, talvez tenha faltado fazer o *chá de revelação*: Surpresa! É uma escola técnica federal!

*Tentava divulgar a instituição nessa época. Era muito engraçado, eu acho que é uma coisa da região ser um pouco desacreditada. Eu ouvia: “O IFSC não vai vir... Ih! Falaram que ia vir tanta coisa e não veio!”. E eu toda empolgada... Outro dia, eu encontrei uma pessoa que me disse “Raquel, eu lembro que você vinha toda empolgada falar que ia ter tantas salas, tantos laboratórios, ninguém acreditava nisso”. E eu dizia mesmo que era um prédio grande, que a obra custaria não sei quantos milhões, que ia ter 20 laboratórios e salas de aula... **Raquel Matys Cardenuto***



Professor Marcos Pisching em ação do IFSC na comunidade

E esse não diálogo muitas vezes afetava algumas partes do trabalho. Por exemplo, certa vez, já tendo mudado alguns personagens da política local em relação aos que tinham prometido as contrapartidas, houve um problema na obra e ninguém queria resolver. Os caminhões não conseguiam acessar o terreno porque atolavam no lamaçal que fazia quando chovia. A diretora do Câmpus tentava uma agenda com o prefeito e os secretários, mas ninguém dava muita bola, já que ainda não

existia, concretamente, um câmpus. Mas, quando o pessoal de Florianópolis entrava em campo, a conversa era outra.

Uma das coisas em que eu me lembro que tivemos que intervir foi quando não estavam conseguindo tocar a obra porque os caminhões não subiam. Era tudo ainda barro. Eu tive que ir a Lages, falar com o Secretário de Infraestrutura e Obras, para solicitar uma carrada de pedra e terra para fazer as estradas. A prefeitura nunca deu muita importância para nós, tentávamos marcar com o prefeito, mas não havia muito acesso. Porém alguns secretários, quando eram procurados, abriam as portas e nos ajudavam. Como nós podíamos ajudar era fazendo o lado político da Diretoria de Expansão, indo falar com a prefeitura como reitoria do instituto. Porque, na verdade, os câmpus ainda não tinham aquela força, ninguém sabia bem o que era o instituto e o que seria o instituto como hoje ele é em Lages.

Caio Monti

No começo, era quase impossível, por exemplo, pegar um táxi até o Câmpus e dizer apenas “*Vou pro IFSC*”. Tinha que explicar que era no Bairro São Francisco, pode subir pelo semáforo do Bar do Gordo, isso, é, meio perto da Epagri, sim, lá em cima, isso, ali na rótula pode pegar à esquerda etc. Dez anos depois, o IFSC é a referência. A instituição e Lages já têm um vínculo. Uma amizade. E um futuro juntos, que a gente espera que traga a intimidade que ainda nos falta.

Eu acho que o Câmpus é muito forte na cidade. Ele é muito respeitado na cidade, eu sinto isso quando eu vou. Eu fico no hotel e as pessoas reconhecem já. No início não reconheciam muito, quando eu falava “Eu sou do IFSC”, não sabiam o que era. Hoje a qualquer lugar que se vá em Lages, se falar que é do IFSC, todo mundo reconhece. **Maria Clara Kaschny Schneider**



Amor do céu, não tem nada para trabalhar

Falta infraestrutura no instituto federal em Lages, anuncia a manchete do **Correio Lageano** do dia 25 de agosto de 2011. Logo abaixo, uma foto de um estudante com nariz de palhaço que aponta para uma torneira sem água⁷.

Mesmo funcionando desde o ano anterior, o Câmpus estava longe de estar acabado. Pela burocracia, pela morosidade dos processos que arrastavam a aquisição de materiais e contratação de serviços, algumas aulas práticas ainda não aconteciam como deveriam, havia falta de reagentes para as aulas de Biotecnologia e de uma área experimental para a Agroecologia.

*Recheiar uma escola, equipar uma instituição, vai muito além de uma obra. Embora possa estar correndo em paralelo, é muito minucioso. E o sistema de compras utilizado tem várias armadilhas. Antigamente não tinha tantas, no início da Expansão era possível comprar produtos com enorme qualidade, pois não havia tantas empresas que participavam de licitações. Mas, quando deu dois, três anos de Expansão, começou a entrar cada empresa de carteira, que não tinha estoque, que não fazia parte e que só comprava porcaria para vender, ficavam achando artimanhas na descrição para concorrer e desclassificar empresas com um equipamento bom. Com isso eu sofri muito. **Caio Monti***

Dez anos depois, quem chega para trabalhar e estudar nem se dá conta do que passaram esses pioneiros que deram conta de atuar em condições precárias. Na reportagem citada, uma estudante afirma: “Os professores são muito bons, fazem o que podem, mas sem estrutura fica difícil”.

Falta de água, falta de energia elétrica e de iluminação, e o famoso lamaçal no acesso ao Câmpus eram alguns dos problemas enfrentados, problemas estes que se inseriam em um contexto maior e que resultaram em uma greve de servidores do IFSC por todo estado, na

⁷ <http://cl.clmais.com.br/informacao/24574/falta-infraestrutura-no-instituto-federal-em-lages>

qual se reivindicavam, entre outras pautas, investimento na educação e valorização dos trabalhadores. Embora as aulas não tenham sido totalmente paralisadas, aproximadamente 40% dos servidores do câmpus Lages aderiram à greve de 2011 e o reitor *pro tempore* **Jesué Graciliano da Silva** declarou em nota oficial que o IFSC negociaria com o Comando de Greve a manutenção dos serviços essenciais na instituição.

O ano de 2011, segundo de nossa existência oficial, foi mesmo um ano difícil, emblemático de como alguns processos se dão no nosso país. Além da inauguração realizada antes da completude da obra, a cidade que tanto trabalhou e pediu pelo IFSC também não estava ainda preparada para nos receber: já era dezembro de 2011, dizia a mídia local, e ainda não havia transporte coletivo que coincidissem com o horário das aulas!

Assim, quem queria estudar tinha aula até às 22h ou 22h20 (dependendo do curso) mas tinha que esperar até 23h45 para pegar o próximo ônibus! É claro que ninguém esperava. E assim os persistentes estudantes faziam seu trajeto a pé, mesmo no rigoroso inverno lageano e nas noites de chuva. Sem falar na falta das calçadas e da iluminação precária, problema que deu uma esticadinha para pegar o aniversário de 10 anos.

Quando foi liberada a obra, mudamos para lá e realmente não tinha nada, nós recebemos praticamente só o prédio. No entorno não tinha calçada, não tinha estrada, não tinha luz! Nós saíamos do Câmpus à noite com lanterna ou com a luz do celular. **Ana Paula de Lima Veeck**

A questão da iluminação é referenciada por muita gente que viveu aquela época, o que não é surpresa porque quem viveu aquele sufoco não esquece mesmo. Imagina a precariedade da segurança: vir pela rua escura, entrar no Câmpus mal iluminado e subir uma montanha de lama para chegar na sala de aula. Esses primeiros alunos eram desbravadores. E não era só problema de iluminação, a energia elétrica era um problema também. A internet então...

Nós nos mudamos para o Câmpus em janeiro de 2011. Não estava tudo pronto. A energia elétrica era um problema, porque a subestação elétrica não estava

concluída. Logo após a montagem dos primeiros laboratórios de informática, nós ligamos todos os computadores e se alguém ligasse mais alguma coisa no Câmpus — no frio, uma estufinha daquelas para esquentar, por exemplo — caía o disjuntor do Câmpus inteiro. Caía a energia e nós ficávamos sem computador. E também não tínhamos internet, demorou um pouco para vir e, quando veio, era lenta. Os primeiros professores trabalhavam com 3G compartilhado! Hoje o 3G já é lento, imagine dividido entre vinte colegas de trabalho. **Vilson Heck Junior**

Além dos professores da área de Informática, quem também sentia muito as dificuldades de conexão eram os técnicos administrativos, que dependiam da conexão para realizar suas tarefas.

A partir do momento que a gente veio da ACIL, já estava muito bom. Com exceção de uma coisa, que era a internet: tinha uma internet de 2 Mbps para todo o Câmpus, no início. Era terrível! A gente não conseguia acessar quase nada, caía direto. Até que foi assinada uma parceria de 50 Mbps. O pessoal que chega hoje não tem noção de como era no início para conseguir abrir um e-mail. **Diogo Amarildo Conceição**

Mas também não é só história trágica nessa parte da estrutura. As histórias dos laboratórios de informática, por exemplo, são um exemplo de estruturas que foram instaladas além das expectativas.

Para implantação, havia recursos e a gente conseguiu montar quatro laboratórios equipados com computadores de ponta. Uma infraestrutura excelente, que enchia os olhos de qualquer aluno que chegava, qualquer visitante. E que com certeza também contribuiu bastante para que as pessoas quisessem estudar no Câmpus Lages. Também, com a chegada de mais professores, a gente também teve outros resultados positivos, como uma ação de extensão, em parceria com o governo do Estado, o programa Geração Tec, e também com a ACATE (Associação Catarinense de Tecnologia), em que a gente ofereceu cursos de qualificação e, em contrapartida, recebemos notebooks suficientes para equipar mais um laboratório de informática. Então nós já estávamos com cinco laboratórios. Por fim, a gente acabou montando um sexto laboratório. É bem gratificante. Lembro como foi a montagem dos laboratórios no começo: todo mundo ajudando, pegando junto. O mais legal foi quando chegou uma carreta carregada de computadores e perguntamos ao motorista do caminhão: “E o descarregamento? Tem alguém para ajudar?”. Ele disse:



Os servidores Anderson, Vilson e Marcos recebem os equipamentos para os laboratórios de Informática



“Não, tá aí a carga”. Eu lembro de todo mundo carregando caixa de computador escadaria abaixo e acima, era uma pegada, todo mundo junto. **Marcos André Pisching**

Montamos as mesas, montamos os computadores em cima... E aí não tínhamos cabo de rede nem tomadas para ligar os computadores! Nós queríamos ofertar o primeiro curso, FIC Desenvolvimento de .Net. E agora o que a gente faz? Eu e o professor **Pisching** começamos a conversar com as pessoas da cidade e procuramos o dono da maior empresa de software da cidade, **Valmir Tortelli**, da ND-Digital: “Estamos aqui e queremos formar pessoas para trabalhar na sua empresa. Só que nós não estamos podendo ligar os computadores”. E eu lembro que ele nos doou um monte de material que permitiu a montagem do primeiro laboratório de informática do Câmpus, que foi o Laboratório 116. Naquela época, era uma série de réguas puxadas, ligadas uma à outra, um cabeamento de rede, que o nosso técnico, o **Anderson Fonseca Almeida**, deu um jeito e ligou. Depois disso, eu e o professor **Marcos** começamos uma verdadeira jornada para equipar os outros laboratórios e nós demos muita sorte, naquela época, em 2011 até 2012, o governo estava investindo muito nisso, então nós tínhamos recursos. Claro, ao longo desses anos, nós fomos conseguindo fazer melhorias na rede, cabeamento adequado, a instalação elétrica um pouco melhor, colocamos tablados. **Vilson Heck Junior**

Também os primeiros laboratórios de Processos Industriais tiveram sua montagem alinhada com os primeiros cursos, o que viria a se repetir anos depois, com os projetos didático-pedagógicos de instalação de bancadas. São marcas do protagonismo dos alunos que acabaram ficando na estrutura física da escola.

A gente sabe o trabalho que deu correr atrás de especificação, fazer instalação elétrica... Na maioria dos laboratórios, as instalações elétricas foram feitas pelo pessoal do FIC de Instalações Elétricas. Hoje, quando eu vou no IFSC, já não está do mesmo jeito que estava quando eu saí. Já evoluíram, já melhoraram, o pessoal já fez diferente. Mas a gente já tem turmas formadas lá dentro, já tem uma Engenharia Mecânica usando aqueles laboratórios, já temos um curso técnico em Eletromecânica, um curso técnico em Mecatrônica. E isso me dá muito orgulho, de saber que a gente partiu do zero. Claro que com ajuda da gestão, da reitoria. O **Caio Monti** também, lembro daquela máxima dele: quem quer

faz e quem não quer acha uma desculpa. **Alexsander Furtado Carneiro**

A gente vê, pelos relatos das pessoas, que parece que tinha no ar um clima de otimismo, um entusiasmo de quem queria muito construir algo. Talvez por ser um grupo de pessoas com espírito jovem, ou porque tinham se dedicado muito a passar no concurso, ou pela natureza de cada um mesmo, sei lá. Mas chama atenção como era difícil abalar o ânimo desses primeiros servidores, que em cada perrengue parece que enxergava uma nova possibilidade. Será que a gente ainda é assim?

*Fui levar os documentos para que eu pudesse tomar posse, o **Thiago** foi me mostrar com muito orgulho, os laboratórios da área de eletrônica, dizendo que inclusive já tinham chegado algumas coisas. Ai eu fiquei feliz, né? Recém entrando no Câmpus, professor novo, queria trabalhar. Queria ver o que o IFSC já tinha recebido. Quando ele abriu os laboratórios, as salas vazias. E quando foi mostrar os equipamentos, era uma caixinha, perdida no chão, no canto. Não falei nada na hora, agradei e saí. Quando chego em casa, conversando com a minha esposa, a **Carol**, eu disse para ela: “Amor do céu, não tem nada para trabalhar”. Ela me olhou e disse: “Aproveita então e monta os laboratórios do jeito que gostaria, aproveita o momento e faz o teu melhor projeto de laboratório”. E foi com esse espírito que eu entrei no IFSC.* **Alexsander Furtado Carneiro**

E tem uma coisa que não rende história mas é relevante: é tudo que *não* deu errado na nossa estrutura. Pois, quando as coisas funcionam, o natural é a gente não falar sobre elas.

Quando somos alunos, a gente não tem noção de quantas pessoas trabalham para as coisas estarem ali à nossa disposição. Hoje tenho uma admiração ainda maior por quem trabalha na administração, quem cuida dos laboratórios, quem conserta o trinco da porta, quem deixa a grama bonita, essas coisas... Tem muita gente trabalhando para tudo funcionar e eu acho que a gente tem que dar valor para isso. **Mariele Abadia Elias**

Por exemplo, ninguém traz à tona tudo que o Seu **Lindomar Moraes**, da manutenção predial, conserta antes de a gente ver que quebrou. É normal. Quem se atola na lama tem assunto para dez anos, mas quem usa a calçada dificilmente pensa sobre o chão onde está pisando. E

esses silêncios nos dizem muito da competência de quem cuida da nossa estrutura.

O trabalho dos TAEs nos setores vinculados ao Departamento de Administração, quanto mais eficiente é, menos aparece. Cito como exemplo disso a infraestrutura e serviços de TI. Hoje temos uma boa rede de internet, computadores rodando com bom desempenho para todos e os serviços operando normalmente na maior parte do tempo. Mas começamos de forma muito precária. Todo o esforço despendido pela equipe nestes 10 anos, mesmo com todas as dificuldades e limitações encontradas no serviço público, para se chegar e se manter neste nível de qualidade. É algo difícil de se perceber para quem não está de alguma forma acompanhando o dia a dia do setor. A maioria das pessoas desconhece os problemas que, preventivamente, são evitados. **Geancarlo Vieira Werner**

Todo mundo de bota, muita lama

Não se esquece de contar da lama!! Não deixa de fora aquele dia do trator! Pede pra Fulano te contar do atoleiro... Já viu as fotos da época do lamaçal?

Nenhuma história foi mais pedida do que essa.

É realmente inesquecível, as próprias imagens impressionam: uma escola novinha, linda, colocada no alto de um morro de terra. Uma ilha de educação de primeira, cercada de barro por todos os lados. Imagina a primeira turma de servidores, que tinha acabado de passar no concurso público, indo conhecer as futuras instalações do trabalho novo.

Estava meio chuvoso, todo mundo de bota, muita lama. Eu, toda empolgada, mostrando: “Aqui vai ser um laboratório tal, ali vai ser laboratório tal!” e tinha gente me olhando apavorada, pensando assim: “Que é isso? Vou trabalhar nessa lama, neste fim de mundo?”. **Raquel Matys Cardenuto**

Cada chuva era garantia de um lamaçal. E aí, como chegar nas salas de aulas e nos setores? Só tendo espírito de tropeiro mesmo. Tinha que ser lageano esse Câmpus.

Para quem subia a pé, era garantia de sujar (muito) os sapatos. Aliás, a **Raquel** conta que “*O Thiago tinha um sapato de trabalhar e outro de desatolar gente*”. Mas sujar o calçado não era o pior quadro. Na pior das hipóteses, poderia acontecer de perder o sapato de vez.

Eu fiquei atolada! Eu me lembro das pessoas tentando me tirar do buraco e não conseguiam, eu tive que jogar um tênis fora por causa disso. Era motivo de irritação para todo mundo, mas também era de risada, porque no final das contas estava todo mundo sujo e aula que seguia. **Mariele Abadia Elias**

E para quem subia de carro, restava a incerteza se chegaria no prédio ou ficaria atolado no caminho. E, mais de uma vez, o trator do Câmpus foi a salvação, como nesse famoso caso:



Espaço onde seria instalada a cantina, isolado pela lama.

*Nesse dia, estava chegando no Câmpus e o meu carro derrapou na entrada. Foi muito divertido... Estava chovendo e eu caí na valeta, o carro ficou inclinado! E o **José [Mecabô Júnior]** era a nossa salvação. Como ele dirigia o trator, ele tinha a função de nos guinchar. O meu carro atolado, o **José** conseguiu tirar. E essa não foi a única vez.... **Ana Paula de Lima Veeck***

Pelos relatos, é de se pensar mesmo por que nunca foi emitida a portaria nomeando o José na *Chefia de Desatolamento*. Ele mesmo confirma que exercia a função de fato e com habitualidade:

*Os episódios de desatolar com o trator foram em 2011. Uma vez foi com o professor **Marcos Pisching**, que estacionou o carro onde agora ficam as bandeiras, na frente do Câmpus. Ali era estacionamento, mas não tinha pavimentação. Era tudo barro. Outra vez foi a professora **Ana Paula**, que estava chegando pela estrada de acesso lateral e o carro dela caiu na valeta. Era um pouquinho antes da aula, eu lembro, fui lá e desatolei com o trator. E outras vezes foram alguns caminhões que foram fazer entrega no Câmpus, uns dois ou três. **José Mecabô Júnior***

Muitas outras histórias se contam. Até ônibus da prefeitura atolou nessa época, cheio de alunos do Proeja. Era assim para chegar ao Câmpus Lages. Bem dizem que o caminho até o conhecimento não é fácil mesmo. E no caso desses pioneiros, era morro acima e atolando.



Acima, os servidores Luciane Costa e Antonio de Oliveira Souza Junior limpando o prédio novo com rodo trazido de casa. Abaixo, o professor José Mecabô Júnior com o famoso trator que desatolava os carros no Câmpus.











Uma escolha difícil, mas acertada

O Câmpus Lages teve como primeiros cursos técnicos Biotecnologia e Agroecologia. Antes desses, alguns FICs haviam sido oferecidos.

Depois foram chegando cada vez mais cursos técnicos, graduações, pós-graduações. E o sonho de oferecer um mestrado, que há alguns anos é objeto de trabalho duro do time de doutores da casa.

*Veja bem, em 10 anos, pegar uma instituição que saiu do zero e conseguir fazer um itinerário formativo em várias modalidades, construir até uma proposta de mestrado, é uma transformação muito grande. Tem árvores que demoram muito mais de 10 anos para crescerem e dar seu primeiro fruto. **Caio Monti***

*O Câmpus procurou ter bastante penetração na questão do desenvolvimento econômico. Eu vejo os cursos do Câmpus Lages muito alinhados com a necessidade regional. Não tenho dúvida de que os frutos do Câmpus estão disseminados pela cidade. A cidade cresceu muito nesses 10 anos, eu tenho certeza que é também por ter um câmpus do IFSC. É também pelo Câmpus ter feito todo esse trabalho de inserção na comunidade, de estar muito atento a tudo que era necessário para o desenvolvimento de Lages. **Maria Clara Kaschny Schneider***

É um processo infinito: quando se coloca um curso em oferta, automaticamente inicia o processo de autoavaliação que leva a uma revisão do PPC, num aprimoramento permanente. Aprimoramento este de que às vezes os próprios sujeitos não se dão conta, mas é admirável, porque mostra a vontade constante de fazer bem feito. E uma questão permanente é: quanto o curso interessa à região de Lages? Geralmente a resposta só vem depois de algum tempo do curso funcionando.

*Lançar a oferta de um curso é relativamente fácil. No entanto, consolidar um curso de modo que este atenda às demandas de qualificação profissional e ofereça soluções técnicas para os problemas da região, este é um grande desafio. **Matheus Fontanelle Pereira***

Quando perguntava aos sujeitos sobre a identidade do Câmpus, muitas vezes ouvi como resposta que uma marca do Câmpus Lages é não ter curso técnico integrado. A escolha por oferecer cursos concomitantes e subsequentes foi feita muito cedo, quando todos os servidores conseguiam sentar-se ao redor de uma mesa para debater. Muito distante da realidade das nossas reuniões no auditório de hoje em dia.

Eram poucos a decidir, mas não unânimes. E foi a partir de debates democráticos e de pesquisas que se decidiu que seria melhor para Lages oferecer os cursos técnicos concomitantes e subsequentes. Uma escolha difícil, mas acertada.

O Câmpus Lages é um câmpus que aceitou um grande desafio, que é fazer a educação profissional para as classes trabalhadoras. Foi uma escolha difícil, inclusive. O Câmpus não tem os cursos integrados, porque escolheu atender muito fortemente os trabalhadores, as pessoas que precisam de qualificação. A vocação da educação profissional, para quem precisa de qualificação, é muito importante. Acho que, apesar das dificuldades, foi uma escolha acertada, se a gente olhar qual é a missão dos institutos federais. **Maria Clara Kaschny Schneider**

E também não vale pensar que, por não oferecer curso integrado ao ensino médio, o Câmpus Lages tem uma formação que contempla só adultos que já estão no mercado de trabalho. Ou, pior, que oferece uma formação menos ampla por não ter algumas áreas contempladas nos currículos dos cursos. Quem vê a *gurizada* no dia que chega e no dia da formatura, é testemunha do quanto nossos alunos se desenvolvem ao longo dos cursos.

Penso que a maior contribuição são os egressos, principalmente dos cursos concomitantes, que envolvem alunos do ensino médio da rede pública. A mudança no perfil deles ocasionada pelo curso é notória. **João Gustavo Provesi**



O cachorro se aproxima do aluno de uma forma que uma pessoa não consegue

Além dos muitos humanos que fizeram essa história, é justo honrar o protagonismo canino no Câmpus. Nomear cada um não teria como, mas algumas figuras marcaram pela fofura, outras pela sem-vergonhice. A maioria, pelos dois.

A matilha em 2020 é formada por **Alemão**, **Faísca**, **Amendoim** e **Tigrinho**, além da **Manivela** que chegou doentinha, foi acolhida mas não resistiu. Cada um com sua personalidade e história. **Alemão** e **Amendoim**, por exemplo, são figurinhas fáceis na cantina. Vivem por ali na espera por um humano a fim de dividir o lanche. E sempre ganham, claro, quem resiste? **Tigrinho** gosta de ficar perto da sala da Agro e acompanhar os alunos no campo. Essa turma de 2020 passou um ano difícil com a suspensão das aulas presenciais, na pandemia de coronavírus.

*Depois que foram suspensas as atividades presenciais, eu fiquei um período mais longo sem ir ao Câmpus. Quando eu cheguei lá, reparei na alegria deles porque alguém estava chegando. A reação deles me marcou bastante. Estudantes, servidores e outras pessoas têm aquele sentimento de nostalgia, de saudade do Câmpus. Mas a gente percebe que até os bichinhos sentem falta. **Vilson Heck Junior***

Dessa matilha, a celebridade é mesmo o **Faísca**. É entrar nas redes sociais e a gente vê muitas fotos dele, que todo mundo publica, verdadeiro *IFSCão*. Em quase todas ele está tirando um cochilo sossegado. O **Faísca** teve um começo de vida sofrido, mas venceu para brilhar.

*O **Faísca** chegou bem filhotão, doente e não queria comer. Eu conversava com a **Rita Timmermann**, com a **Dona Nena [Rosangela Aparecida Vargas]**, com a **Luciana Velho**, que são pessoas que estão sempre ativas ali, em relação aos cachorros. Nós levamos uma “comidinha mágica”, com arroz integral e*

*figado, e ele começou a comer. A **Dona Nena** já havia dado medicação também. Ele começou a melhorar! Hoje ele é mais conhecido como “o Soneca do Câmpus”, porque ele deita no tapetinho da escadaria e pode passar uma boiada que ele segue dormindo e ninguém o acorda. Em todo momento, está dormindo em algum lugar. E, no inverno, ele entra na sala da Secretaria e fica na porta para dormir e aproveitar o ar-condicionado. **Diogo Fonseca***

Um dos primeiros cachorros, muitos anos atrás, foi o **Dudu**, que atuava na área de Ambiente e Saúde:

*Teve o **Dudu**. O professor **Eduardo** encontrou ele quando estavam construindo o Câmpus. A gente se apegou muito ao **Dudu**, que se apegou muito a nós também. Uma noite, esse cachorro ficou trancado dentro do laboratório... e destruiu metade do meu projeto de pesquisa! Eu tinha deixado as minhas amostras secando em cima da bancada, ele subiu e pisoteou tudo! Aí começou uma briga para o cachorro não entrar mais no laboratório, só que descobrimos que ele era tão esperto, e gostava tanto de ficar perto da gente, que ele tinha aprendido a abrir o trinco: ele batia a patinha e entrava escondido. **Mariele Abadia Elias***

Óin, que fofo, né? Ele não foi o único cachorro que marcou pela atuação na pesquisa. Na mesma linha, teve a **Pepê**. Essa virou objeto de estudo mesmo.

*A **Pepê** era muito mansinha. Ela teve filhotinho e teve alguma complicação durante o parto. O professor saiu correndo com ela e levou para o CAV, no desespero. Quando ele voltou, trouxe ela e os filhotinhos. Todos bem, mas tiveram que retirar o útero dela. O útero da **Pepê** a gente usou para fazer lâmina histológica para as aulas. Quando o pessoal do CAV falou que ia ter que tirar, o professor **Eduardo** já falou para pôr em um pote com formol. E eu lembro que a gente ficou muito tempo fazendo lâmina do sistema reprodutor da **Pepê** para as aulas. **Mariele Abadia Elias***

Outra cachorra era a **Paçoca**. Lá por 2013, ela frequentava as salas durante aulas. Era tão popular quanto o **Faísca** é hoje. Lembro que, na minha disciplina no Técnico em Biotecnologia, bastava deixar a porta aberta para receber a visita da **Paçoca**. Ela não era pontual, mas era assídua. Talvez até tenha comparecido a mais aulas do que alguns

alunos, não confirmo nem nego. Mas a **Paçoca** era vítima de um grave problema sociAU: ela vinha para o IFSC só pelo lanche. E teve um caso meio macabro.

*A **Paçoca** era bem abusada, ia nas salas de aulas pedir comida aos alunos — que não se negavam a dar um pedaço de pastel, bolacha, etc., incentivando os maus modos da cachorra. Foi adotada pelo servidor **Fábio Júnior** e vive feliz até os dias de hoje. Certa vez, no último dia de aula antes da celebração da Páscoa, os alunos estavam no pátio e viram com horror a cachorra **Paçoca** sair do mato com uma lebre pendurada na boca. Ela tinha recém assassinado o coelhinho da Páscoa!* **Rita de Cássia Timmermann**



Muitos amigos caninos viveram e vivem no nosso Câmpus, assim como os quero-queros, as *curucacas* e tantos outros habitantes desse ecossistema privilegiado em que a gente trabalha e estuda. E existe um esforço permanente de cuidado com esses amigos, que unem servidores e estudantes em sucessivas vaquinhas de doação de alimentos e medicamentos para o bem-estar da turminha. Em 2019, teve uma ação cultural pela causa:

Peguei alguns livros que havia recebido por doação, embrulhei, alguns alunos me ajudaram a enfeitar e aí a gente trocava livro por ração. Foi muito legal porque a gente garantiu ração por alguns meses. **Luciana Schmidt**

Esse tipo de mobilização não é raro e faz pensar que é poderosa a presença desses animais no IFSC. Eles despertam o melhor de nós. Muito mais do que o cuidado que as pessoas dão aos cachorros, vale pensar no quanto eles devolvem em afeto e sensibilidade. Será que valeria a pena institucionalizar essa relação de cuidado, que tanto contribui para a formação humana que queremos?

Em vários momentos, eu já vi alunos estudando ao redor do Câmpus, fora de sala de aula e os cachorros por perto, eles fazendo carinho ou conversando e os cachorros do lado, fazendo companhia. De certa forma, eles são terapêuticos. Eu acho que deveria ser uma coisa de se pensar, enquanto instituição, porque, principalmente no Câmpus Lages, nós sabemos que existem várias dificuldades de interação com alguns dos alunos. E o cachorro se aproxima do aluno de uma forma que uma pessoa não consegue. Eles movimentam toda essa história. **Diogo Fonseca**



Preciso de alguma coisa mais forte

Muitos estudantes e servidores vão suspirar e sorrir quando perguntados sobre a nossa biblioteca. Com toda razão. Em suas muitas fases, a biblioteca do Câmpus sempre foi um espaço de acolhimento, de entretenimento e de uma vida cultural pulsante. Festas de halloween, concursos literários, mostras de poesia, sarau com fogueira no pátio, campeonatos de xadrez, eventos de natal... muitas vezes nossas bibliotecárias e suas equipes capitanearam eventos cheios de significado.

Personagens que já não estão todos os dias no Câmpus deixaram sua marca com os eventos da biblioteca. Outras pessoas chegaram e trouxeram mais. Muitos estudantes e servidores lembram desses momentos especiais.

Eu planejei aquela atividade de folclore, da serpente, e fiz contato com a associação de moradores do bairro. Eu queria conversar com os moradores da terceira idade para eles contarem causos da região, porque o folclore brasileiro tem muito dos causos que são contados no dia a dia, às vezes não estão nos livros. Então um grupo foi até a biblioteca, para conhecer e para ver se eles aceitariam participar da atividade. E me emocionei por dois motivos. Primeiro: quando o pessoal chegou na biblioteca, na verdade eles queriam conhecer a biblioteca. Emocionados, porque nunca tinham entrado numa biblioteca e tinham curiosidade. E isso me tocou profundamente, foi uma das primeiras atividades que eu fiz. Dias depois, a gente montou o cenário e foi uma das pessoas lá para contar um caso. Era uma pessoa que não tinha ido naquele primeiro grupo, era outra senhora que ia contar história [Maria Lorena Correa Branco]. E ela começou o relato dela dizendo o quanto gostaria de ter estudado quando era jovem, que o sonho dela era ter estudado, mas na época, por questões financeiras e também culturais, a família não deixou. Então ela falou assim: “Eu que nunca tinha entrado numa escola, a primeira vez que eu entro em uma biblioteca é para fazer palestra para doutores”.
Marcia Medeiros de Lima

Outra atividade marcante aconteceu em 2013, foi o Halloween

Literário, parte do projeto de extensão *Arte e Cultura na Biblioteca*. Aproveitando a moda da literatura fantástica, que popularizava histórias de bruxaria, vampiros e lobisomens, a bibliotecária **Marcia Medeiros de Lima**, com o suporte da colega **Camila Koerich Burin** e de uma equipe de servidores e estudantes, decorou a biblioteca e chamou todo mundo para a festa que aconteceria à noite no Câmpus. Todo mundo deveria vir fantasiado.

A turma levou a sério e as maquiagens estavam muito realistas. Lembro de ter visto, de longe, uma das funcionárias de serviços gerais levar um susto com o rosto “sangrando” de alguém. Um susto feio, tiveram que correr com uma cadeira para ela se sentar e recuperar.

As luzes foram apagadas e a biblioteca foi iluminada com velas. Algum espírito protetor dos livros ajudou que nada pegasse fogo e que a fumaça não ativasse os dispositivos anti-incêndio, o que molharia todo o acervo. No fundo da biblioteca, foi montada uma mesa com guloseimas macabras, que imitavam cérebros, olhos, dedos e muito mais. Mas o que mais marcou dessa noite mesmo foi um *detalhe* da decoração: um caixão. De verdade.

Eu acho que esse Halloween já era o terceiro ou quarto. Só que o halloween era na verdade uma oficina de escrita e nos primeiros não estava dando o resultado o que eu queria. Ai eu pensei: preciso de alguma coisa mais forte! O que eu preciso fazer para estimular esses alunos a escrever? Ai pensei: a situação mais arrepiante da morte é o caixão, o defunto, né? Também essa questão do Halloween faz a pessoa refletir sobre a vida, sobre a morte, que é um processo natural, mas as pessoas não pensam. Pois bem, fui na funerária e pedi um caixão emprestado. Muito engraçado, porque as pessoas se assustaram e eu tive que explicar toda situação. Só que esse caixão era surpresa. E os alunos já estavam na biblioteca quando o carro da funerária chegou. Pedi ajuda para trazerem o caixão, só que foi um espanto tão grande que ninguém queria pegar naquele caixão da funerária. Pensei: opa, fez efeito! Se eles estão com medo de chegar no caixão, já rendeu alguma história interessante para escrever aqui nessa oficina... Ai eu descii com uma vela acesa, toda vestida de preto, e pedi ajuda para o rapaz da funerária e um dos meninos que trabalhava no IFSC. O menino estava com medo de pegar o caixão. Falei: Ah, o caixão está vazio, nunca foi usado, pode pegar. Fui caminhando na frente com aquela vela acesa e os dois atrás de mim, carregando o caixão. Chegamos

*com aquele caixão na biblioteca, as luzes apagadas, as pessoas contando histórias de terror, aquele momento super silencioso de escrever suas histórias. E não participaram só os alunos, nesse Halloween! Inclusive o secretário de cultura do município [o escritor **Maurício Neves de Jesus**] estava. A gente envolvia as pessoas externas, foi uma alegria para mim receber pessoas tão ilustres. **Marcia Medeiros de Lima***



Estudantes reunidos na Biblioteca para resolver o desafio do quebra-cabeça de 3000 peças.

A **Marcia** acabou indo embora do IFSC, mas a biblioteca nunca deixou de ser um espaço de educação e cultura. A bibliotecária **Luciana Schmidt** conta como uma atividade simples como montar um quebra-cabeça foi significativa e rendeu reflexões importantes:

Foi em julho de 2019. Uma atividade que fiquei muito feliz em realizar no Câmpus Lages, a montagem do nosso primeiro quebra-cabeça de 3000 peças. Foi

bem difícil de conseguir, eu já estava há algum tempo tentando conseguir um quebra-cabeça. Conversando com o Câmpus Urupema, eu recebi como doação deles o quebra-cabeça. Quando eu cheguei no Câmpus Lages com o quebra-cabeça, já vieram alguns alunos, assim: “Vamos montar!”. E foi muito legal. A gente botou uma mesa e eles começaram a montagem. A integração entre eles e até alguns servidores foi linda de se ver, a parceria. Teve até competição de quem montava mais peças. E teve até uma situação chata desse primeiro quebra-cabeça... Teve um aluno que escondeu uma peça só para dizer que ele colocaria a última peça... Ele nem tinha participado da montagem, foi por sacanagem mesmo! Quando a gente terminou de montar o quebra-cabeça, eu resolvi pendurar na parede da biblioteca. Então a gente passou cola nele, os alunos ajudaram. A gente pendurou com a data de início e fim de montagem. Eu fiquei muito feliz, porque o meu objetivo eu alcancei, que era proporcionar uma atividade prazerosa para eles, em que eles pudessem se unir e frequentar a biblioteca com prazer. Foi tão legal que, quando eles terminaram, já me pediram um outro desafio. **Luciana Schmidt**

Assim é que, além de todos os projetos, a biblioteca também acabou se tornando um dos espaços físicos mais agradáveis do Câmpus. Qualquer um que entra se sente acolhido. Os pufes e bancos convidam a sentar para ler, as mesas de arte-terapia oferecem material para se expressar e muita poesia já nasceu naquelas folhas.

Uma coisa que chamou atenção nessa pesquisa sobre os 10 anos é que muitas, mas muitas mesmo, das vezes em que o Câmpus Lages saiu na mídia local foi por conta dos eventos na biblioteca. Isso é motivo de muito orgulho para uma escola, porque nos coloca em pauta como espaço de promoção da cultura e da leitura.

Mais que um lugar de silêncio, a biblioteca do Câmpus se constituiu um espaço de encontro e de expressão. Escrever e ler não são atividades familiares para todo mundo e, muitas vezes, é preciso um *facilitador* que ajude o sujeito a *experimentar*. Às vezes, como disse a **Marcia**, a gente precisa de uma dose de *alguma coisa mais forte*.



A gente queria ir para fora

Na segunda década do século XXI se intensificou no mundo todo o movimento de internacionalização das instituições de ensino. Estudantes do IFSC tiveram muitas oportunidades de intercâmbio no estado todo e, no Câmpus Lages, em especial, a oferta de novas oportunidades de estudar fora do Brasil trouxe uma ampliação de horizontes até para quem não foi.

Os irmãos **Alan Lanceloth Rodrigues Silva** e **Adriano Pereira Silva Filho** entram para a história como os dois primeiros intercambistas do Câmpus Lages. O mais bonito da história é ver como a participação deles na internacionalização foi resultado de uma combinação da oportunidade com o projeto de vida.

*Eu sou natural de São Paulo, morei lá praticamente minha vida inteira. No final de 2013, o meu irmão, que já morava aqui em Lages, me chamou para vir para cá, falando do IFSC. Nós sempre tivemos um sonho, a gente queria ir para fora. E ele comentou comigo: “Olha, cara, tem uma escola de cursos técnicos que oferece intercâmbio, por que a gente não tenta?”. Cheguei aqui no início de 2014, no curso Técnico em Informática, junto com Adriano. Ele tinha acabado de se formar no Técnico em Biotecnologia e falou: “Cara, vamos fazer o nosso currículo aqui, para a gente focar no intercâmbio, no PROPICIE”. Aí a gente entrou com essa mentalidade já, buscando trabalhar em pesquisas, entender como funcionava. Aí a gente conheceu o professor **Wilson Heck Junior**, que na época era um dos professores que tinha uma linha de pesquisa que nos interessava. Fomos lá, fizemos pesquisa com ele no primeiro semestre, aprendendo mais sobre o universo de pesquisa e implementando o currículo Lattes. Chegou a época de fazer as inscrições para o PROPICIE, nós fizemos. O inglês, a gente sempre estudou por conta própria, nunca tivemos nenhum curso. E passamos no intercâmbio. Nossa primeira realização grande. **Alan Lanceloth Rodrigues Silva***

Alan e **Adriano** foram selecionados para estudar em Portugal, onde trabalharam em um projeto interdisciplinar na parte de programação de microcontroladores, que envolvia música, engenharia e design. Depois eles ainda ingressaram na primeira turma de Engenharia Mecâ-

nica do Câmpus Lages e com isso, em 2020, completam-se 9 anos do **Adriano** estudando direto no IFSC. Quase o tempo de existência do Câmpus.

*Foi extremamente gratificante poder participar dessa oportunidade e poder levar o nome do instituto para fora do país. Até hoje temos contato com as pessoas com quem trabalhamos e com os amigos que fizemos na época. Graças ao IFSC e o apoio de diversos professores, como o **Vilson Heck Junior**, o **Juliano Lucas Gonçalves** e o **Thiago Meneghel Rodrigues**, pudemos realizar um sonho que nem imaginávamos. Fica meu agradecimento especial ao IFSC Câmpus Lages, no qual me orgulho de estudar há 9 anos. Se tem algum lugar que sempre vou guardar na memória e no coração, é este Câmpus, que me ajudou muito a me tornar o que sou hoje.* **Adriano Pereira Silva Filho**

Em 2020, em meio à pandemia, o Câmpus celebrou a primeira defesa de trabalho de conclusão de curso no programa de dupla titulação, na parceria do IFSC com o Instituto Superior de Engenharia do Porto. A estudante **Chayanne Possamai Della Rech**, do curso de Engenharia Mecânica, apresentou online os resultados de sua pesquisa para uma banca composta por professores das duas instituições. Neste programa da dupla titulação, os estudantes recebem o grau de bacharel no Brasil e de mestre em Portugal, ao final do curso.

Assim como ela, outros alunos e servidores realizaram atividades fora do país a partir das oportunidades oferecidas pelo IFSC. E a internacionalização tem um efeito sobre o Câmpus que é impossível de medir com régua. Porque mesmo aqueles que não chegam a sair do país têm seu horizonte ampliado com a proximidade da oportunidade, com a presença de pessoas que foram. É um impacto que se percebe na vivência.

Certa tarde, em 2019, todos os estudantes do período vespertino estavam reunidos no auditório para ouvir a estudante **Karina Santos Silvério**. Por videochamada direto de Portugal, falou da sua experiência no Instituto Politécnico de Beja, instituição com a qual o Câmpus tinha firmado parceria de mobilidade estudantil. Ela fez o curso Técnico em Biotecnologia no IFSC.

É inesquecível o clima de inspiração daquele momento. Eu ouvi

risinhos, comentários animados, colegas se entreolhando. De repente a possibilidade de estudar do outro lado do mar parecia concreta. Possível. Próxima. Vi outros **Alans** e **Adrianos** que olhavam para o futuro e pensavam: *com planejamento, acho que dá.*

E dá. O mundo é grande e a educação de qualidade é um meio de viajar nele.

Em 2018, eu trouxe dois finlandeses para cá, eles nunca tinham vindo no Brasil, e os únicos lugares que eles conheceram foram Florianópolis e Lages. Isso por causa do Câmpus, por causa do trabalho legal que o Câmpus faz. **Raquel Matys Cardenuto**

Essa visita dos finlandeses foi um evento que movimentou também a área de Línguas, pois eles deram uma palestra em inglês, que foi traduzida simultaneamente para Português e Libras, as duas línguas presentes no auditório na ocasião.

Além dos estudantes da área de Informática, estavam no auditório os alunos do curso FIC de Inglês de vários níveis, aproveitando para praticar o idioma. E essa oferta dos FICs de idiomas é estratégica para a internacionalização, pois o conhecimento da língua estrangeira é um requisito eliminatório em praticamente todas as oportunidades. Algum tempo depois, o Câmpus também passou a oferecer cursos de extensão na área de Libras. Mais até do que o acesso a espaços no mundo do trabalho, reconhecer a nossa diversidade linguística é valorizar as pessoas que falam as diferentes línguas. Que nossa vocação para olhar para além de nós nos acompanhe pelas próximas décadas.





Eu estou voltando para casa

Cada aluno que passa pelo IFSC é único e deixa sua marca. Cada pessoa é um universo, uma fonte infinita de histórias para contar. Mas essa aluna é quase literalmente *um capítulo à parte*. Até hoje, é a única aluna que virou servidora.

A técnica de laboratório **Mariele Abadia Elias** tem uma trajetória muito singular entre servidores e estudantes. Um ponto de vista de alguém que chegou com a primeira turma de alunos e viu a história do IFSC se misturar profundamente com a sua história de vida.

*Eu entrei no Câmpus no início de 2011 no curso Técnico em Biotecnologia. Nós éramos poucos alunos, somente uma turma de Biotec e outra de Agroecologia. Os professores eram, e ainda são, muito acessíveis, que é uma coisa que admiro muito no Câmpus. Eu participei de tudo que eu podia, comecei a realizar pesquisa, depois extensão. Foi uma coisa muito importante para mim, porque eu pude ver e sentir como nós podemos mudar a nossa realidade e das pessoas que estão ao nosso redor com coisas simples. E o IFSC, essas ações, elas fizeram com eu me sentisse mais cidadã. Eu me lembro de conversar com o pessoal da minha turma sobre como os servidores pareciam felizes e como era um ambiente acolhedor para nós, alunos. A gente sentia um acolhimento enorme. Eu me formei em 2012 e fui trabalhar em um laboratório de Patologia. Logo depois, eu comecei a graduação em Biomedicina. Quando estava no terceiro ano da faculdade, vi o edital para o concurso, lembrei daquelas conversas que eu tinha com meus colegas, não pensei duas vezes e me inscrevi. Passei em primeiro lugar, mas a vaga era para Garopaba. Então tomei a decisão difícil de recusar a vaga para poder terminar meu curso. Continuei na lista de espera e, quando faltavam poucos dias para o concurso vencer, fui chamada. Comecei a trabalhar no Câmpus em janeiro de 2018. No começo foi muito estranho, porque os deveres dos alunos e dos servidores são muito diferentes e ainda tinha muito de aluna em mim. Eu estava acostumada a entrar nos laboratórios do IFSC e sempre perguntar: “Posso fazer isso? Posso fazer aquilo? Eu posso mexer?”. E dessa vez era eu que estava auxiliando os outros. Lembro que, quando eu tomei posse, a **Raquel** veio me abraçar e eu chorei dizendo: “Eu estou voltando para casa”. **Mariele Abadia Elias***

O Câmpus Lages simboliza o caminho de volta para muitos servidores, como a **Mariele**. Para outros tantos, ele foi e é lugar de passagem. Um *posou*, vocação antiga dessas terras.

Sentimos saudade de servidores que foram embora, muitos deles removidos para outros câmpus, principalmente no início dessa primeira década. E essa movimentação intensa de servidores acabava até, muitas vezes, afetando a continuidade dos trabalhos. Levou um tempinho até termos mais estabilidade nos trabalhos do dia a dia, porque as equipes mudavam muito.

A gente teve no início muita movimentação. As pessoas faziam concurso, passavam e iam para qualquer lugar. Depois queriam ir embora, não queriam ficar ali, diziam: “É uma cidade fria, eu quero ir para o litoral”. Isso foi realmente muito difícil nos primeiros anos do Câmpus Lages, eu me lembro de muitas pessoas que queriam ir embora, muitas mesmo. Isso já estabilizou. Claro, ainda tem pessoas que querem, eu sei, mas não é aquele movimento do início, de 2012, 2013, que foi em toda a instituição e principalmente nesses lugares mais difícil de fixação das pessoas. A grande maioria já está estabelecida ali, por ser da região ou pessoas que não são, mas já fizeram sua vida e estão organizadas em Lages. **Maria Clara Kaschny Schneider**

Mas quem voou no pensamento ficou, como diz a música do Milton Nascimento. Porque cada um deixa alguma história para contar. A gente sabe da dor de quem precisa escolher entre o trabalho e sua casa, bem típica desse tempo de espera pela oportunidade de mudar de cidade.

Para muitos, trabalhar no Câmpus Lages é uma sensação agrídice, de gostar do que faz mas ao mesmo tempo desejar ir embora. De querer muito que a remoção aconteça logo, mas saber que vai sentir saudade depois. A gente sabe que há colegas que trabalham no Câmpus numa estada temporária e torce para que realizem logo o sonho da remoção e que, na hora de partir, possam lembrar dessa fase lageana com carinho.

Em comum, essas histórias têm muitos quilômetros de estrada aos finais de semana, atravessando rodovias para estar próximos de familiares e amigos. E, mesmo diante do desafio, tem o trabalho feito com amor e dedicação. E a memória que fica.

Não tenho memória de, um dia sequer, ter ido trabalhar contra a vontade, de mau humor. Era muito gostoso trabalhar no Câmpus Lages. Foi muito bom. Nas viagens que eu fazia todo domingo à noite, pegar a estrada para voltar para Lages, para mim, era uma diversão. É uma coisa que eu dizia para os alunos: trabalhar é uma coisa extremamente séria, mas o trabalho pode ser divertido. Em Lages, eu vivi isso na plenitude. **Alisson Luiz “Purga” Agusti**

Como é bom a gente ter isso

No processo de buscar as histórias dos 10 anos acabei recebendo muito mais depoimentos de servidores que de estudantes, mesmo buscando envolver a todos os sujeitos. Mas é bonito como muitas histórias de alunos acabam sendo guardadas na memória e no coração dos professores e técnicos que veem, nessas vidas transformadas, o sentido do seu trabalho.

O desafio é compreender que não é somente ensinar pedagogicamente, mas também aprender em todos os processos, perceber que vidas são orientadas, encaminhas e principalmente “acreditadas”. **Fabiula Goulart de Almeida**

Muitas e muitos estudantes passaram pelo Câmpus Lages do IFSC ao longo desses 10 anos. A dimensão da experiência pessoal de cada indivíduo é impossível de medir, de conhecer. E talvez para as próprias pessoas não seja tão claro que impacto a vivência na instituição pode ter trazido, porque a gente não costuma pensar sobre as coisas enquanto elas estão acontecendo, só avaliamos depois.

Mas sabemos que trabalhar com educação é servir ao projeto de vida de alguém, sobretudo na educação profissional pública como é o nosso caso. Nossa tarefa é ajudar trabalhadores a trabalhar. E os estudantes do Câmpus Lages facilitam nosso trabalho.

*Teve uma coisa que foi fácil nesses 10 anos: o relacionamento com os alunos. Nós temos baixíssimos índices de mau comportamento, de indisciplina. Os nossos alunos são muito bons. Cadeira quebrada, parede riscada? Nosso auditório tem 10 anos e está em perfeito estado, nossas cadeiras têm 10 anos! Tivemos poucos casos pontuais de indisciplina, que foram problemas individuais, não temos problemas coletivos. Muito pelo contrário, nós temos muito protagonismo discente, como no projeto **Leão Baja**, o **Gralha Azul Aerodesign**, o **aliMÃEtação**... Muitos projetos que partem dos alunos. E acredito que é também fruto de muitos fatores da região, porque, mesmo que a região tenha certos problemas, aqui ainda se mantém respeito do aluno pelo professor.* **Thiago Meneghel Rodrigues**

O respeito é mútuo e a gente sabe que ainda podemos e vamos fazer mais. É a nossa missão. São vidas tocadas, transformadas, famílias afetadas. Ainda longe de poder nos considerar prontos, somos uma instituição com idade de criança e com muito que aprender. Mas sabemos que muita contribuição esse trabalho já deu. Sabemos por ouvir dos próprios discentes e porque assistimos, orgulhosos, as realizações que alcançam a partir do estudo no IFSC.

Nossas salas de aula estão cheias desses batalhadores que, dia após dia, trilham o caminho *morro acima* entre a vontade de aprender e o exercício de uma profissão. Mil livros não seriam suficientes para registrar as marcas que as alunas e alunos deixaram nos educadores do IFSC em Lages, mas como resistir a registrar pelo menos algumas dessas memórias?

Teve um senhor, Antônio, aluno do FIC PRONATEC em Mecânico de Máquinas Agrícolas, em 2013. Já fazia tempo que não estudava, desde o ensino fundamental. Mostrei para os alunos o edital de um concurso da prefeitura que tinha vaga para operador de trator. Ele acabou se animando, estudou, fez o concurso e passou. Outro aluno desse FIC, o Marcos, também passou em dois concursos.

José Mecabô Júnior

Eu me sinto privilegiado em fazer parte da história de tantos alunos que por aqui passaram, entender a realidade de cada um e ver que, por um breve momento, fizemos a diferença, transformando a vida de muitos, dando perspectivas para aqueles que não tinham. No meu caso, ser técnico por cargo mas visto como educador por vários alunos é gratificante, ver que estamos no caminho certo, que estamos fazendo a diferença, contribuindo para a formação profissional e pessoal de cada um que por aqui passar. **Marlon Filippe Santos da Silva**

Tinha um aluno que chegava umas 18h30, pegava sua marmita e jantava, sentado na porta do laboratório, no chão. Nós não tínhamos bancos na época e não tínhamos cantina também. Acho que a gente ainda estava naquele lamaçal. Ele era pedreiro, trabalhava em uma construtora de Lages, chegava com a roupa do trabalho. As aulas começavam só as 19h, então a gente abria o laboratório para ele comer ali dentro. Nessa época, fizemos uma viagem a Foz do Iguaçu, para uma visita técnica a Itaipu. Tempos depois, ouvi do dono da construtora que o nosso aluno era um excelente pedreiro que, graças ao curso, tinha passado para o cargo

de eletricista e estava ganhando mais. E falou que a viagem para Foz do Iguaçu havia dado a ele novos horizontes. Cada vez que eu me lembro dessa história, eu me lembro do seguinte: as pessoas precisam de ensino, nós estamos aí para ensinar. É o papel do IFSC. **Alexsander Furtado Carneiro**

Eu conhecia muitas empresas de Lages, de antigos alunos meus, que se formaram quando eu era professor na Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac). Vários desses empresários contratavam nossos estudantes do curso Técnico em Informática. O retorno que eu sempre tive é que os nossos alunos eram exemplares, tinham conhecimento até além de alunos de graduação. Esse é um ponto importante: os alunos qualificados no IFSC sempre foram muito elogiados por onde eles passaram. E, conseqüentemente, a equipe de docentes e técnicos administrativos, que sempre acolheram muito bem esses estudantes. Isso fez toda a diferença, os alunos realmente sentiam-se pertencentes à escola e eu acho que isso favorece também os bons resultados no Câmpus Lages. **Marcos André Pisching**

Numa ida minha ao Câmpus, reunimos os alunos no auditório para conversar. Eu falava um pouco sobre o que nós estávamos fazendo e ouvia também as demandas dos alunos. Eu me lembro de um aluno, uma pessoa bem simples que fez um depoimento muito bonito. Ele estudava no Câmpus, a filha dele estudava também e a esposa dele fazia um FIC. Ele disse: “O IFSC mudou a minha vida e a vida da minha família”. Eu sempre me emocionava, sempre saía de Lages abastecida, dizendo: “É isso mesmo, como está certo o que a gente está fazendo, como é bom a gente ter isso”. **Maria Clara Kaschny Schneider**









Naquele dia eu soube que conseguiria concretizar um sonho

Um elemento que está no DNA dos institutos federais é a questão da inclusão. Nesse campo, a gente pode olhar para o Câmpus Lages por duas óticas. Por um lado, temos um caminho longo pela frente antes de podermos nos considerar, de fato, uma escola inclusiva. Por outro, nesses 10 anos acumulamos algumas histórias exitosas para contar e já temos relatos de um certo impacto da nossa presença que vai além dos estudantes atendidos pelo Câmpus.

*Já trabalhei em dois câmpus diferentes, tenho ótimas experiências na instituição. Uma, em especial, foi em janeiro de 2020, no Câmpus Lages. Chegou uma moça surda, pedindo para falar com a **Greice**, intérprete de Libras. Pensei que era estudante do IFSC. Chamei a intérprete, que ficou bastante tempo conversando com ela. Quando a moça foi embora, perguntei para a **Greice** qual curso ela fazia. Ela me explicou que a moça não estudava no IFSC, mas tinha ido até lá porque sabia que no IFSC tinha intérpretes de Libras. Ela estava com um problema pessoal e precisava conversar com alguém, desabafar, pedir um conselho. Isso me impactou muito, porque me fez perceber que o IFSC na cidade de Lages alcança pessoas que não são diretamente os nossos estudantes. Esse episódio me leva a pensar também na necessidade de inclusão social de diferentes públicos em Lages. E que podemos contribuir nessa inclusão. A inclusão das diversidades está presente nas políticas e documentos do IFSC, mas é mágico participar dos momentos em que elas acontecem na prática. **Elisa Freitas Schemes***

E uma instituição de educação profissional totalmente gratuita é um meio de inclusão social muito forte. Na realidade local, poucas são as pessoas que poderiam ter o luxo de estudar em outra cidade, para acessar uma instituição pública; ou de pagar a mensalidade de um curso particular, que muitas vezes nem tem tanta qualidade.

E, mesmo oferecendo a oportunidade ampliada de acesso, ain-

da temos para a próxima década o desafio de lidar com a evasão. Este problema não é exclusivo do Câmpus Lages mas é, sim, um dos seus principais desafios pela frente.

As três primeiras turmas do Técnico em Informática, por exemplo, ingressaram por um processo de prova e formaram, respectivamente, seis, quatro e oito alunos. Dali para frente, nós começamos a mudar estratégias e passamos a formar até 20 alunos ou mais. A média é de 16 formandos por turma, um número que a gente entende que é baixo, porque nós temos capacidade para 40 alunos. Temos estudado as causas da evasão em várias instâncias da instituição e trabalhado com os professores em estratégias. A instituição tem programas muito bons. Como o PAEVS (Programa de Atendimento aos Estudantes em Vulnerabilidade Social), que tenta ajudar aqueles alunos que por algum motivo financeiro se evadem, mas ele também não resolve todos os problemas. Hoje também temos a CAPE, que é uma comissão para permanência e êxito dos alunos. **Vilson Heck Junior**

Para além disso, ter a **Coordenadoria Pedagógica**, que dá suporte para adaptar o ensino a todos os estudantes, é importante no exercício dessa missão de incluir. Principalmente pela equipe multidisciplinar. Quem trabalhou em outros lugares, sem esse apoio, sabe a diferença que faz a presença de psicóloga, pedagoga, assistente social, especialistas em Educação.

Ser docente em uma instituição como o IFSC é aprender, na prática, que a presença das pessoas com diferentes condições sociais, culturais e físicas enriquece a nossa vivência. E contribui para a formação para todos, servidores e estudantes, de um jeito que não se aprende com aulas e palestras. Cada estudante que passa pelo nosso Câmpus traz consigo o sonho de aprender uma profissão e conquistar um espaço só seu. E o nosso desafio é ajudar cada pessoa a desenvolver as competências para ocupar esse lugar.

A minha lembrança mais especial é de um dia, em fevereiro de 2018, no começo do meu curso Técnico em Administração. Eu já estava tendo um contato maior com o IFSC e vendo o que ele poderia me oferecer. Cheguei em casa e caiu a ficha, eu me emocionei. Sempre gostei de estudar e, naquele dia, eu vi que se eu persistisse lá, seria um grande pontapé na minha vida. E realmente foi. Chorei

muito naquele dia, porque eu soube que seria um processo em que eu conseguiria concretizar um sonho profissional. **Adriele Renata Nunes**

Uma figura que deixou sua marca com uma história de muito esforço e sucesso foi o estudante **Gabriel**, o primeiro surdo a estudar no Câmpus. Ele se formou no curso Técnico em Informática em 2013 e logo se inseriu no mercado de trabalho. Continuou estudando, fez graduação. E, em 2020, retornou ao IFSC, como aluno da Pós-Graduação em Marketing. Sua presença no Câmpus trouxe mais do que o diploma dele: incentivou a formação dos servidores, proporcionou ao Câmpus contato com a cultura surda e puxou uma fila de outros estudantes surdos que vieram, trazendo consigo mais intérpretes e os projetos de extensão da área de Libras.



Gabriel, primeiro estudante surdo do Câmpus, cumprimenta o intérprete João Branco, ladeado pelo professor Juliano Lucas Gonçalves.

Como foi para mim a questão da acessibilidade no IFSC? Quando eu cheguei e comecei a estudar no IFSC, não tinha intérprete de Libras. Então eu falei com a pedagoga **Simone Mara Dulz**, na Coordenadoria Pedagógica e ela ajudou nesse processo. Um mês depois, chegou o intérprete [**João Branco**]. Antes de o intérprete chegar, eu aprendi o conteúdo daquele mês nos atendimentos individuais com os professores, que sentavam junto comigo e complementavam a explicação dada em aula. Tínhamos que fazer um grande esforço para nos comunicarmos. Logo que cheguei no IFSC, eu tinha que explicar: “sou surdo”. Os professores ainda não sabiam lidar com o desafio, mas foram aprendendo. Foram conhecendo a cultura surda e entendendo como trabalhar com surdos. Um dia, estávamos no laboratório de informática e de repente todos os alunos levantaram e ficaram em volta de mim. Todos estavam com caras assustadas. Eu sem entender nada. Foi só depois que entendi que era meu computador dando aviso sonoro de perigo, por superaquecimento. Demos boas risadas desse episódio. Lamento que nos formamos em cerca de oito alunos somente. Depois que eu me formei, decidi mandar um currículo para a NDDigital. Fui chamado imediatamente, porque eles confiam muito no IFSC. **Gabriel da Silva Lima**⁸



Aplausos em Libras no auditório

⁸ Depoimento original em Libras, traduzido para a Língua Portuguesa pela intérprete **Greice Franklin da Silveira Lima**.



Foi triste, né?

A década de vida do Câmpus Lages teve água, fogo, ar e terra de todo jeito. Para além do lamaçal recorrente, alguns incêndios, tempestades, vendavais e outros momentos difíceis desafiaram nossos prédios e nossas pessoas. E, no décimo ano, ainda veio uma pandemia.

Com fogo temos algumas histórias. Uma das primeiras foi bem no comecinho do Câmpus. Não se sabe direito como, fundiu o motor de uma moto estacionada próxima ao almoxarifado, durante a noite. Com a fumaça, o almoxarifado se encheu de fuligem, numa imagem contrastante com o prédio bem novinho. O teto teve de ser trocado, a moto acabou carbonizada, nenhuma pessoa se machucou. Mas ficou a polêmica sobre quem deveria arcar com o prejuízo, deu até Polícia Federal, porque era patrimônio público.

O pior incêndio foi em 2019, quando uma grande parte da área experimental foi atingida e a área de Agroecologia perdeu material de pesquisa valioso, que vinha sendo cultivado desde 2011. O Câmpus Lages foi notícia em tudo quanto era veículo da mídia, as imagens do terreno atingido entristeciam qualquer um.



Incêndio na área experimental

O incêndio aconteceu no dia 25 de agosto de 2019, um domingo à tarde. Era um dia ensolarado, estava frio e tinha muito vento, um vento atípico. Eu tinha combinado com os colegas **Fernando [Zinger]** e **Glaudson [Verzeletti]**, de a gente se encontrar no Câmpus para fazer fotos para a campanha da nossa chapa, que ia concorrer à direção do Câmpus. Eu fui com a minha família, com a ideia de fazer as fotos e depois ir passear. Quando eu cheguei na BR-282, já vi bastante fumaça e, quando entrei no bairro São Francisco, percebi que o fogo já estava ao lado do Órion. Tinha bastante fogo e bastante fumaça. Logo em seguida, chegou o **Fernando** com a família dele. O **Glaudson** veio sozinho. E a gente, vendo aquela situação, ficou naquela: “Será que vai chegar, será que não vai?”. De imediato, ligamos para o corpo de bombeiros, só que demoraram a chegar e o fogo estava se espalhando rápido. Tinha muita palha seca, além dos pinheiros, então a gente ficou com receio de que se alastrasse. Quando a primeira viatura chegou, o fogo já estava no terreno do Câmpus mas eles se direcionaram primeiro para atender as casas vizinhas, que já estavam sendo atingidas. E nós já tínhamos começado a tentar apagar o fogo, ligando pivôs de água, mas tinha pouca pressão e o encanamento não chegava até embaixo. Então começamos a correr com baldes de água. Depois chegou o **[Roberto] Komatsu** também para nos ajudar. A gente pediu para os bombeiros mandarem mais carros. O fogo estava muito alto e tinha muito vento, não havia o que fazer. Para ter uma ideia, já estava queimando a vegetação verde! A gente começou achar perigoso demais, resolvemos sair dali. Finalmente chegaram bombeiros no Câmpus. Primeiro eles até falaram que não seria necessário atuar ali, nós ficamos indignados. Mas depois foram combater o fogo no IFSC. E a gente naquela situação, tinha muita fuligem, todo mundo sujo... Tinha ido lá só para tirar foto! **Robson Costa**

As chuvas também foram duras. Em 2014, a cidade foi atingida por uma trágica chuva de granizo que causou danos em muitos prédios. É claro que do alto do morro onde se encontra, o Câmpus Lages sentiu intensamente os efeitos da natureza. Como disse o **Gean**, o telhado virou peneira. Foi tão geral o prejuízo que, em Lages começaram a faltar materiais como lona, de tantas casas atingidas. E alguns comerciantes que ainda tinham material disponível decidiram “aproveitar” e cobrar preços imorais pelos materiais. No meio disso, como sempre, o povo lageano colocou a solidariedade em ação e muitos mutirões foram organizados para contornar os estragos em vários bairros. Assim também foi no IFSC:

Foi um dos momentos mais difíceis que passamos, mas a minha lembrança é de algo que retrata bem a imagem que tenho das pessoas que fazem parte do Câmpus. No dia seguinte ao ocorrido, ainda sem sabermos de que forma e quando seria realizada a troca das telhas (pois ainda iniciávamos os contatos para orçamento e havia muita demanda na cidade para uma mão de obra bastante limitada), começamos uma busca por lonas e quaisquer outros paliativos que pudessem remediar de alguma forma, caso voltasse a chover. Começamos logo cedo a levar as lonas que chegavam (muitas doadas por alunos) para o telhado e a fixá-las. Aos poucos, os colegas foram chegando para ajudar. Uns trouxeram cola e usavam pedaços de telhado para tapar os buracos, outro trouxe espuma de fixar porta e aplicava nos buracos, outro trouxe manta asfáltica e colava os pedaços, dentre outras ideias que chegavam. **Geancarlo Vieira Werner**

Esse companheirismo entre estudantes e trabalhadores do Câmpus foi colocado à prova em 2020, o ano que a gente torce para que tenha sido o pior da nossa história. “Nossa”, no caso, é da humanidade, não só do IFSC de Lages. A pandemia de coronavírus chegou marcando de modo definitivo o começo do século XXI, acompanhada de um ciclone tropical que arrasou muitos lugares em Santa Catarina e até da ameaça de uma nuvem de gafanhotos — essa acabou não chegando aqui, mas passou raspando o suficiente para o professor **Fernando Domingos Zinger** ter sido chamado a comentar o tema no podcast do IFSC.

No domingo, 15 de março, o IFSC anunciou pelas mídias que as aulas seriam canceladas a partir do dia seguinte. Assim, na segunda-feira, dia 16, servidoras e servidores chegaram para trabalhar sem a menor ideia do que iria acontecer. Sem alunos, aguardávamos que informações viriam da reitoria, onde mil conselhos, comissões e comitês discutiam nosso futuro. Entrávamos em quarentena.

Domingo à noite, eu estava em casa, quando vi na TV a notícia de que a UFSC tinha suspendido as atividades presenciais. Pensei: “Se a UFSC suspendeu as atividades, o IFSC também vai fazer isso essa semana”. Mas não demorou uma, duas horas no máximo, a notícia veio. Todas as aulas estavam suspensas já no dia seguinte. Então todo o planejamento que o IFSC tinha realizado, que nós tínhamos realizado, simplesmente de um dia para o outro se alterou. **Silmar Primieri**

E enquanto todo mundo tentava entender como ia acontecer a educação profissional não presencial, ainda havia os solavancos políticos na instituição. O IFSC e seus câmpus tinham passado por um processo eleitoral no final de 2019 e a posse da nova reitoria e diretores-gerais deveria acontecer em abril, algumas semanas depois do início da quarentena. Só que a chapa do reitor eleito **Maurício Gariba Júnior** acabou impedida de tomar posse em uma situação para lá de controversa. No dia 20 de abril, com fim do mandato da reitora **Maria Clara**, o IFSC amanheceu sem reitor, situação que se alongou por alguns dias até a polêmica nomeação do candidato vencido no pleito **André Dalla Possa** como reitor *pro tempore*. Mas isso aí não é nem metade da história... Voltemos ao Câmpus, que foi muito afetado pelas indefinições e inseguranças nesse contexto institucional, já que as reuniões do Conselho Superior acabavam dividindo o foco entre a pandemia e a necessidade de defender a democracia fragilizada no IFSC.

Aqui na nossa *paróquia*, a transição de gestão foi mais tranquila. Um pouco porque a chapa eleita era encabeçada pelo até então chefe DEPE, **Vilson**, e outro pouco porque o pessoal em Lages é mais calmo mesmo nessa parte.

Assumir a direção no meio desse período de pandemia, sem ter uma cerimônia, um ato formal, com a presença das pessoas, foi no mínimo estranho. Muitas vezes, dá a sensação de que isso nem aconteceu, de que ainda nem iniciamos o trabalho como direção-geral, porque eu estava em um cargo de chefia de departamento, já vinha acompanhado muitas funções da direção, fazendo a transição. Então, para mim, parece que eu só continuei trabalhando, é algo até estranho. Mas ao mesmo tempo tem sido muito gratificante também poder tentar ajudar nesse momento, procurando amenizar os problemas gerados pela pandemia. **Vilson Heck Junior**

Nós queríamos assumir o Departamento de Ensino para implantar as propostas que havíamos discutido. E tudo isso teve que ser tirado de lado nesse primeiro momento, para nos dedicar a organizar as atividades em um contexto totalmente diferente, com o qual ninguém tinha nenhuma experiência. O grande desafio foi a adaptação a uma situação totalmente diferente daquela para que nós havíamos nos preparado para esse ano de 2020, para poder manter o ensino de qualidade e minimizar os impactos negativos da pandemia. **Silmar Primieri**

*Já vinha cobrando do **Silmar** e do **Wilson** sobre o pessoal que estava praticamente embarcando para o intercâmbio em Portugal, se realmente eles iriam. Mas ninguém imaginava que isso iria chegar no Brasil e afetar as nossas vidas como afetou. Assumir o DAM no meio dessa pandemia não era uma coisa que estava planejada, eu até achei que a gente não fosse tomar posse esse ano, por conta dos acontecimentos com o reitor eleito.* **Kathilce Martins Amorim**

O ritmo de trabalho foi abalado de um modo inimaginável e as informações iam chegando diferentes conforme o tempo ia passando. A primeira suspensão de atividades presenciais previa retorno para abril. Depois foi estendida a quarentena por mais algumas semanas, passou para uma previsão de retorno em agosto e, finalmente, o IFSC anunciou que antes de janeiro ninguém voltava. E assim os estudantes e servidores foram começando a ajustar suas casas e as rotinas familiares para seguir trabalhando de modo não presencial.

Nem todo mundo estava preparado para trabalhar em casa. Não tinha local, uma escrivaninha, numa cadeira confortável, um computador bom. E hoje eu vejo que eu tenho trabalhado muito mais horas do que se eu tivesse no trabalho presencial, porque eu nunca trouxe trabalho para casa. Mesmo quando fazia até dez horas de trabalho em um dia, por alguma demanda diferente, eu chegava em casa e não trabalhava. **Kathilce Martins Amorim**

Como este livro está sendo publicado durante a quarentena, a chance de ele já nascer desatualizado é grande, mas tudo indica que passaremos o aniversário de 10 anos comemorando on line mesmo. Uma peninha pois estamos todos com saudade da rotina no nosso Câmpus Lages.

E são tantas memórias boas que eu tenho no IFSC, que eu não vou acreditar a hora que parar essa pandemia e eu retornar... por causa dos laboratórios, que é o que mais me encanta. Gosto de fazer as partes teóricas mas a prática é o que mais me encanta. **Marli de Fátima Amazonas Silva de Jesus** (in memoriam)

Melhor dia, que marcou minha vida, foi primeira aula de laboratório que eu fiz. Aprendi muito naquele dia. Que pena, que por causa do coronavírus, não pudemos mais ter aulas assim. **Carlos Alexandre Soares**

Os estudantes também passaram por um processo de mudança muito grande neste período. E, com o passar do tempo, nós percebemos a capacidade de adaptação deles, a vontade de manter os estudos num processo contínuo. **Silmar Primieri**

Um projeto que *pegou* nesse período de quarentena foi o *Valoriza*, uma publicação que circulou a partir de 27 de março de 2020 nos grupos de WhatsApp e nas redes sociais do Câmpus. Começou como um tipo de *correio elegante* em que servidores e estudantes enviavam recadinhos e fotos mostrando sua capacidade de ver algo positivo mesmo com todas as dificuldades de uma pandemia. Depois fomos experimentando novos formatos (vídeo, *live* no Instagram, *Meet*...), sem perder de vista o objetivo de provocar algum sorriso e de valorizar o que temos de melhor. A equipe do *Valoriza*, além de mim, tinha as técnicas **Jacqueline Pereira Vistuba** e **Magali Inês Pessini**, e mais o **Vilson** e o **Silmar**.

E quando a gente já estava quase se acostumando com a quarentena, no dia 30 de julho, aconteceu o ciclone para mostrar que *sempre dá para ir além*. Fazia vários dias que estavam circulando alertas de previsão da chuva e do vendaval para o sul do Brasil e, infelizmente, foi tão triste quanto o previsto. No Câmpus Lages, como sempre, o vento provocou estragos. Felizmente foram apenas prejuízos materiais.

*Foi triste, né? Eu acho que é a palavra que resume bem isso tudo. A gente chegar no Câmpus, vazio de servidores e com alguns colegas terceirizados correndo para secar a água que tinha entrado. Tivemos telhas quebradas, um alçapão arrancado. Eu cheguei lá quando ainda estava caindo o temporal, fui justamente porque já sabíamos que haveria comprometimento. Aí eu subi no telhado, fui buscar o alçapão que o vento tinha arrancado. E com a abertura que ficou, encanou o vento por dentro do Câmpus, o que acabou arrancando uma divisória. Foi bem triste. Eu fiz essa primeira intervenção, quem fez o acompanhamento de tudo foi a **Kathilce**, no Departamento de Administração.* **Vilson Heck Junior**

*Nesse dia do vendaval, estava com o **Vilson** e a **Raquel [Crestani Agostineto]**, recém iniciando uma reunião pelo Google Meet, a gente ia discutir o orçamento do Câmpus. De repente, tudo preteou, meu quarto escureceu... todos os que trabalham comigo, perto de mim, sabem que eu tenho pavor de vento, de granizo, de trovão. Eu fico apavorada. Então, naquela hora, um disse “vou fechar a garagem”, o outro disse “vou fechar a janela” e ninguém voltou. Simplesmente caiu*

a energia. Eu só fui ficar sabendo do que tinha acontecido no Câmpus bem mais tarde, nem sei em qual horário, porque eu fiquei sem telefone e sem luz. Na hora que restabeleceu a minha 3G, comecei a receber aquele monte de fotos, da cidade toda destruída, e recebi as imagens do Câmpus. Não tivemos grandes estragos, foram coisas que a gente pode consertar com os empenhos que temos. Não foi preciso nada emergencial, ninguém ficou ferido. Só foi um susto mesmo... e a gente está num local muito propício a esses sustos. Só que já faz 10 anos que eu trabalho lá e eu não me acostumo com esses sustos! **Kathilce Martins Amorim**



VALORIZA #IFSCemcasa

CÂMPUS LAGES UNIDO NO ISOLAMENTO

As boas da semana, pelos estudantes e servidores



Imagens da pandemia de 2020: servidores e estudantes. Acima, mensagem positiva no projeto Valoriza. Na página seguinte, servidores em café virtual discutem o planejamento das atividades não presenciais.

GRAVANDO

Rita de Cassia Tr... e mais 31

15:01



E agora vamos falar de futuro.

não futurismo



Detalhes da reunião



Silmar Primieri está apresentando

Ficamos muito satisfeitos com o resultado

Para nossa alegria, toda hora tem evento acontecendo no IFSC em Lages. Na pandemia de 2020, quando tudo indicava que a gente ia *baixar a bolinha*, foi o festival dos eventos on line, com lives, resPIRADA pedagógica, palestras, Semana Nacional da Ciência e Tecnologia e tudo mais. É o nosso jeito de compartilhar com o mundo o muito que temos nessa escola. E as formaturas, né? Ai, ai, que emoção essas formaturas. Amamos.

Pela localização geográfica, bem central em relação aos outros câmpus do IFSC, Lages *voltmeia* sedia eventos estaduais da instituição. Em 2013, aconteceu o primeiro Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação do IFSC (SEPEI) estadual, foi em Lages. Era uma época de *vacas gordas* e havia recursos para trazer estudantes e servidores de todo o estado com transporte, hospedagem e alimentação. O tipo de investimento na educação que deu gosto, proporcionando aos estudantes uma experiência inesquecível de conhecimento, socialização, ampliação de horizontes. E diversão, claro. *Capaz que não*.

Lembro que montaram uma grande tenda no pátio central do Câmpus e ali aconteciam as atividades acadêmicas e culturais. Quem viu o pôr do sol ao som da música ao vivo naqueles dias não esquece. Aliás nosso pôr do sol é um detalhe de luxo nos eventos, do tipo que não se encontra em pregão.

O SEPEI em Lages foi um dos primeiros grandes seminários que nós tivemos, o primeiro fora de Floripa. Então ele marcou bastante. O pessoal conseguiu levar para Lages muitas participações, participações muito importantes. O SEPEI é uma marca muito importante. Depois também tivemos em Lages a Reditec Sul, que foi em 2018. Esses eventos, claro, são sazonais, não são toda vez. Mas as formaturas sim, e elas sempre me marcaram, pelos relatos, pelos alunos e também pelos servidores. Tenho uma lembrança de muito acolhimento no Câmpus Lages.

Maria Clara Kaschny Schneider

A Reunião dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica da Região Sul (Reditec Sul) foi outro momento grandioso, talvez o maior evento que tivemos. No ano que se completavam 10 anos da criação dos IFs no Brasil, os gestores da região Sul discutiram necessidades institucionais e publicaram a *Carta de Lages*, manifestando-se sobre questões prioritárias para o futuro da educação na visão dos institutos.

*A primeira Reditec Sul foi em 2018 e foi em Lages. Começou em Lages e hoje acontece no Brasil inteiro, já houve outras Reditec Sul e também Reditec Norte, Nordeste, Sudeste, um evento que se espalhou pelo Brasil. Foi a primeira vez que o criador dos institutos federais **Eliezer Moreira Pacheco** participou de uma mesa redonda com a secretária da SETEC do momento atual, **Eline Neves Braga Nascimento**. **Thiago Meneghel Rodrigues***

E, para realizar os eventos, de novo a gente conta com a equipe que faz acontecer e não faz barulho. Não teríamos como realizar os eventos se não houvesse um grupo competente que organiza, prepara, limpa, compra, instala, apresenta...

Sempre estivemos envolvidos nos bastidores destes eventos, na organização junto aos prestadores de serviços, instalações de estruturas, no rearranjo dos contratos terceirizados, para melhor atender às demandas que estes eventos geravam. O mais marcante foi o SEPEI, pois sediamos a primeira edição, então foi bastante desafiador. Lembro que, durante a organização, precisávamos tomar decisões a todo momento para questões que não estavam planejadas. E isso gerou insegurança sobre a qualidade da organização. Mas depois que o evento começou as coisas foram se ajustando e tudo transcorreu bem. Ficamos muito satisfeitos com o resultado.
Geancarlo Vieira Werner











INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina
Câmpus Lages

RES pirada PEDAGÓGICA

Uma parada para respirar e não pirar
na quarentena

08/06 14H ÀS 16H

**PALESTRA "Remotização" do ensino na
pandemia: improviso precário ou
planejamento viável?** - Reitoria

09/06 14H ÀS 16H

PROSA COM A CHEFIA - Direção-Geral
MOMENTO QUEM NUNCA? - Comissão de
Ensino
**CONVERSA Saúde mental em época de
pandemia** - Psi. Milena Garcia da Silva

10/06 14H ÀS 16H

FUTURISMO: E SE? - cenários possíveis,
minutas e os informes das últimas semanas
INTERVALO RÁPIDO para buscar um
cafézinho na cozinha
CAFÉ VIRTUAL COM LIVE DE ARTISTA -
Prof. William Lunardi - voz e violão

COMISSÃO DE ENSINO

Na página anterior: servidoras posam em um dos muitos eventos esportivos da década; registro do SEPEI de 2013; duas fotos do primeiro debate entre candidatas à Direção-Geral; imagens dos eventos virtuais e presenciais. Acima: a programação da resPIRADA Pedagógica da pandemia de 2020.

O nosso Câmpus, eu acho que ele é feminino

O IFSC é uma instituição centenária, a gente sabe. E foi mudando de cara ao longo do tempo, mas sempre foi uma instituição com uma energia meio masculina, de certo modo. Só tivemos a primeira gestora em 1994, para se ter uma ideia. Foi a professora **Soni de Carvalho**, lá em Florianópolis, quando a instituição ainda se chamava Escola Técnica Federal de Santa Catarina.

E também nossos cursos, voltados mais às profissões nas áreas ditas *duras*, estão enredados nessa delicada questão da presença das mulheres no mundo da ciência e tecnologia, que ainda é uma presença minoritária. Um dado do nosso **Registro Acadêmico** confirma que nosso Câmpus reflete o contexto: até setembro de 2020, o Câmpus Lages formou 802 mulheres e 1708 homens.

Este é um assunto que ganhou corpo na sociedade ao longo da década de 2010. Foi abordado por pesquisas científicas de vulto, tanto quanto se fez cada vez mais presente nas conversas cotidianas, no senso comum. A questão da mulher é uma questão do nosso tempo. E o nosso tempo, a década de 2010, calha de ser o tempo de vida do IFSC em Lages.

Por tudo isso, uma fala do **Thiago** acabou puxando a reflexão que vem neste capítulo.

Não entrando nessa parte de gênero em si, mas na parte do marketing a gente faz essas caracterizações. O nosso Câmpus, eu acho que ele é feminino. Ele é acolhedor. É jovem, obviamente. O nosso Câmpus seria uma jovem que gosta muito de educação, que aprendeu algumas coisas mas tem muito ainda a aprender. E que gosta do que faz. **Thiago Meneghel Rodrigues**

De fato, somos uma escola com mulheres fortes. E essa descrição da mulher jovial interessada em Educação se encaixa em tantas servidoras e alunas. A começar pela **Raquel**, nossa primeira diretora-geral, e

pelas duas reitoras que lideraram o IFSC na maior parte do tempo dos nossos primeiros 10 anos.

*Eu acho que o IFSC tem essa marca de mulheres na gestão, de mulheres desbravadoras. Nós temos essa marca, em vários câmpus a gente teve mulheres à frente, a **Consuelo** foi reitora, eu também. **Maria Clara Kaschny Schneider***

*Assumi a Gestão de Pessoas logo que entrei no IFSC, uns três meses depois de entrar no IFSC. Acabei gostando do setor, eu já tinha uma pós-graduação na área. Fiquei muitos anos na coordenação. Junto comigo, também trabalhavam outras duas mulheres extremamente competentes, **Karine Leite** e **Daniela Marcon de Sousa**. É um Câmpus que tem muitas mulheres competentes e a gente tenta dar o nosso melhor. Eu tenho uma filha de 23 anos e uma filha de 4 anos, então assumir esse desafio da chefia DAM também só foi possível com o apoio da minha família. E com o apoio que eu sabia que teria do próprio Departamento, porque são pessoas extremamente competentes, em quem eu confio muito e que têm esse perfil: dariam suporte independentemente de quem fosse assumir. **Kathilce Martins Amorim***

O feminino costuma ser associado ao acolhimento e talvez por isso Lages seja um Câmpus que, como marca, possa ser visto como feminino. Enquanto realizava pesquisas para este livro, talvez tenha sido a palavra que eu mais ouvi, “acolhimento”, com suas cognatas “acolher”, “acolhido”, “acolhedor”. Fora os muitos depoimentos como o da **Kathilce**, sobre sentir-se amparado pela comunidade do Câmpus.

*A lembrança mais forte que eu tenho do Câmpus Lages, dos quatro anos que eu passei nele, foi a alegria que eu tinha de ir trabalhar. Um ambiente, um clima organizacional, que no meu ver era excelente. E eu transitava em todos os setores, todos os departamentos, com muita facilidade. Conversava com todo mundo, sempre fui muito bem recebido, excelentemente. Mesmo lá no início, quando eu cheguei no Câmpus para entregar a documentação, na época do concurso, eu fui recebido muito, muito, muito bem. **Alisson Luiz “Purga” Agusti***

A primeira coisa que penso é aquele afago, sabe? É um sentimento que vem lá do fundo do coração, sempre, todos são muito acolhedores, preocupados, dedicados a te ver crescer profissionalmente, intelectualmente e pessoalmente. Nunca negam

uma conversa a ninguém. Eu lembro do IFSC com muito carinho. **Adrielle Renata Nunes**

Talvez seja a cultura do lugar (“*Lages, terra hospitaleira*”, diz o cli-chê), talvez *alguma coisa de energia*, mas muito provavelmente o que nos coloca nesse lugar seja mesmo o fazer das nossas pessoas. Mulheres e homens que acreditam na educação feita com afeto, com vínculo. Pessoas que se importam. Essa ideia do afeto, do abraço que conforta, apareceu até em forma de imagem:

O Câmpus Lages tem essa imponência, fica no alto do morro, no alto da cidade, pode-se dizer que ele abraça a cidade de Lages [...]. **Caio Monti**

Lages fica em uma região historicamente coronelista, bem machista mesmo. Em várias fontes oficiais há números que demonstram o quanto temos mulheres em situação de vulnerabilidade dentro de suas próprias casas, muito mais na serra do que em outras regiões do estado. Em um lugar assim, o IFSC vem como uma escola revolucionária porque leva muita gente a rever preconceitos. E isso desde o nosso começo. Quando ainda éramos uma ideia, houve nos gabinetes de Lages quem duvidasse da competência de uma mulher para liderar o processo.

Eu estava em uma ponta da mesa sentada e a cúpula toda estava para o lado de lá, cheios de holofotes. Eles não acreditavam que uma mulher poderia levar um Câmpus para Lages. **Consuelo Sielski**

Na época das obras, a diretora-geral **Raquel** era responsável por fiscalizar a construção. Agora faça um esforço de imaginação: uma mulher jovem, bonita, com sotaque de fora e um cargo que lhe conferia certo poder, diariamente indo a uma construção dialogar de igual para igual com mestres de obras, pedreiros, empreiteiros... **Raquel** conta que escolhia com cuidado até a roupa para fazer as visitas. Detalhe que passa batido para quem vê o prédio pronto em cima do morro. Mas que não é um detalhe.

Eu fazia visita na obra dia sim, dia não. Era uma parte bem difícil, por causa do machismo, eu ficava ruim. Apesar de eu sempre ir de jaleco, calça, bota, o





que tinha de mais normal do mundo, parece que, quando o carro fazia a volta, todo mundo já ficava meio achando graça. “Ah, ela tá vindo”. **Raquel Matys Cardenuto**

Devemos o Câmpus Lages, também, à ação de mulheres que tiveram um caminhão de paciência com coisas que já deveriam ser passado há muito tempo.

Eu acho que essa cidade é um pouco mais conservadora, um pouco mais machista. Ninguém me tratava mal, mas eram claros os olhares: “Mas tu? Vamos resolver contigo?”. Algumas, né? Fui muito bem recebida na ACIL, gosto de destacar. Tenho muitas pessoas queridas que eu posso citar, mas esse desafio aí, de ser mulher, jovem e técnica, eu comecei a sentir quando cheguei. **Raquel Matys Cardenuto**

*Eu lembro que algumas vezes a **Raquel** me ligava assustada, que o pessoal tinha umas falas bastante pejorativas, usando de piadinhas. Às vezes, precisava de um apoio masculino em alguma reunião, e aí a gente sempre estava à disposição.* **Caio Monti**

Por tudo isso, chamar a nossa presença de revolucionária não é exagero. É um dos exemplos de impacto que só será percebido daqui a um tempo, do qual hoje só podemos perceber pequenos sinais, daqueles que a gente só percebe se estiver mais atento. Como a matéria curta do **Correio Lageano** de 15 de outubro de 2015⁹, que detalhava na manchete *Homens e mulheres podem participar de curso de mecânica*, anunciando o FIC de Mecânica de Máquinas Agrícolas.

Então ainda não sabemos exatamente como, mas temos esses sinais de que o IFSC trouxe um fôlego novo nesse assunto para a região da serra catarinense. Todo mundo sabe do muito que faz nossa assistente social **Eliane Correa Costa**, mas talvez só ela e a equipe da Coordenadoria Pedagógica compreendam a dimensão do que um câmpus do IFSC pode fazer nesta que é a região com maior índice de violência contra a mulher em Santa Catarina. Mesmo que ainda precisemos fazer mui-

⁹ Disponível em: <http://cl.cjmais.com.br/informacao/90727/homens-e-mulheres-podem-participar-de-curso-de-mec%C3%A2nica>

to, somos um espaço de construção da autoestima e da independência, para todas e todos que aqui estudam. E fazemos isso pelo caminho mais certo, o do conhecimento. Também nesse sentido somos um lugar de acolhimento.

*Nós tivemos o curso do Programa Mulheres Mil, de Zeladoria. Eu nunca tinha dado aula para uma turma só de mulheres. Na primeira aula prática, fizemos uma extensão elétrica. Na época, o material de consumo ainda estava chegando, então passei numa loja de material de construção e comprei plugues. No final da aula, uma aluna pediu para levar para casa. No outro dia, ela volta e diz: “Professor, tive que desmontar e montar a extensão para mostrar para o meu marido que eu sabia fazer”. Essa turma me traz um carinho muito grande e ao mesmo tempo uma dor muito grande, porque uma das alunas, que tinha muito potencial, infelizmente meses depois foi morta pelo irmão. Ele tinha vício em drogas e foi tentar bater nos pais, ela foi tentar defender. **Alexsander Furtado Carneiro***

RAPIDINHAS

Quem estava na coordenação do Técnico em Informática era o professor Marcos, quando eu propus que organizássemos a primeira Gincana Sedentária do curso. Foi um evento com várias edições. As turmas eram divididas em equipes. Teve maratona de programação, competições de videogame, de truco, de pingue-pongue, várias competições de modalidades diferentes. Até hoje nós temos vídeo da competição de Paródia Nerd, saíram umas pérolas. Isso envolve bastante trabalho, tem que mover muita gente, mas são desafios bons.

VILSON HECK JUNIOR

O Câmpus era todo aberto e no inverno, com ventos fortes, caíam portas, paredes e o terror tomava conta dos servidores. Era o morro do ventos uivantes!

VALTER PEREIRA DA SILVA

Tem o futebol também, se quiser anotar aí, o futebolzinho era bom também.

MARCOS ANDRÉ PISCHING

Os meu amigos me lembraram dessa. Foi maravilhoso. A gente teve uma aula de degustação de cerveja. Eu odiava cerveja, eu acho que todo o pessoal que era mais novo, assim como eu, também não gostava muito. E é graças àquela aula que, hoje em dia, todo final de semana a gente toma cerveja. É culpa da professora Rosane [risos]! Eu não sequei para a área de bebidas, mas é uma paixão que eu criei com a Biotec, aquela aula foi maravilhosa. Uma bancada grande do laboratório, cheia de cerveja, cheia. Era só para degustar, mas sempre tem um que toma mais do que devia, quando o professor não está olhando. Todo mundo saiu daquela aula rindo, eu lembro da gente no estacionamento, na rua, atolando no barro, tentando ir para casa e rindo...

MARIELE ABADIA ELIAS

A receptividade que tive aqui foi muito importante! Eu me sinto muito feliz de fazer parte desta história!

**JACQUELINE PEREIRA
VISTUBA**

Teve o dia em que, na aula de Fundamentos e Gestão de Laboratório, numa segunda-feira à noite, com a primeira turma de Biotecnologia, quebrou a bancada de granito do laboratório no meio da aula! Era uma aula de Espectrofotometria, com o professor Michael Ramos Nunes e eu. Ele no aparelho e eu na parte de trás do laboratório, quando quebrou a bancada de granito. Michael me perguntou: “O que fazer?”. Resposta: “Vamos continuar a aula... Ninguém se machucou...”.

ROSANE SCHENKEL DE AQUINO

Meu ponto positivo do IFSC foi quando eu fui patrono de três turmas. Eu, um simples vigilante, fui reconhecido pelos alunos pelo meu serviço prestado. Fui homenageado por eles, isso até hoje eu levo para o resto da vida, o serviço bem prestado que deixei no Câmpus.

MARCO ANTONIO “MARQUITO” FERREIRA ROSA

No dia da primeira formatura do Câmpus, em 2012, eu e outro aluno plantamos uma das primeiras árvores no círculo entre os prédios. Um momento lindo e histórico. Pena que ela morreu.

FLÁVIA TRAMONTE

Hoje podemos dizer que o IFSC Câmpus Lages é uma realidade na vida de várias pessoas que por lá passaram, se formaram e ingressaram no mercado de trabalho. Então o IFSC Câmpus Lages, há dez anos, vem formando alunos, mas principalmente formando cidadãos.

EDSON PEREIRA MUNIZ

O IFSC me trouxe muitas coisas boas! No IFSC, eu pude fazer muitos amigos, além disso tive professores muito bons, que sempre com muita dedicação nos ensinavam da melhor forma possível. Não tenho um dia, um acontecimento, uma aula ou um projeto para descrever, pois houve de fato muitos momentos que marcaram o tempo que estive lá. Com certeza vou sentir muita saudade desse lugar e dos inúmeros momentos e risadas marcantes que vivi com meus colegas e professores!

GIOVANA CAROLINE DA SILVA

Eu tenho muita coisa para contar sobre o IFSC, ele mudou muito a minha história. Quando eu entrei no IFSC, foi a minha filha que me inscreveu, para eu melhorar de uma depressão. Foi a melhor coisa que me aconteceu. A amizade que eu fiz com todos os professores, funcionários e amigos... Se eu falar de cada profê que me ajudou, me estendeu a mão, que me entendeu...

MARLI DE FÁTIMA AMAZONAS SILVA DE JESUS (in memoriam)

Acabou o caso

Escrevi este livro por gratidão a essa instituição que me deu tantos momentos felizes e que tão bem faz à cidade do meu coração.

Escrevi porque queria guardar em palavras o cheiro do café, o brilho dos olhos, a arruaça dos quero-queros, o ar gelado dos laboratórios, as mãos sujas de terra, o barulho das máquinas, a gargalhada dos alunos subindo a escadaria, as anotações nas folhas de caderno.

Escrevi porque o que guardamos em palavras fica guardado para sempre.

É claro que este livro não conta a história do Câmpus Lages do IFSC, nenhum livro poderia contar. É uma foto do Câmpus. Três por quatro e meio gasta. Um instante, um ponto de vista. Espero que nos ajude a pensar quem somos e quem queremos ser.

Procurei dar mais espaço conforme os temas e histórias foram mais citados e, principalmente, mais repetidos. E observei que, quanto mais recente a história, menos ela me foi contada. É como se só nos déssemos conta da importância das coisas depois que já saíram da nossa rotina. Como se não fosse histórica cada vez que se entra na sala de aula, acessa o e-mail, participa de uma reunião, entrega um TCC... Mas é nessa rotina que fazemos nossa história e com ela construiremos nossas próximas décadas.

Se você atendeu meu pedido e leu este livro como quem ouve um caso... acabou o caso. Que não seja o fim da prosa.



Servidoras e servidores que trabalharam no IFSC Câmpus Lages

Adriellen Lima de Sousa
Ailton Durigon
Alberto F. Friderichs Barros
Alex Sandro Forghieri
Alex Sandro Zerbiniatti
Alexandre Pagani Silva
Alexandre Perin de Souza
Alexandre Tripoli Venção
Alexandre Zammar
Alexander Furtado Carneiro
Aline Bragagnolo
Aline dos Santos Teles
Alisson Fernandes da Rosa
Alisson Luiz Agusti
Amanda Borba Dias
Ana Claudia Vieira
Ana Maria Martins Roeber
Ana Paula de Lima Veeck
Anahi Macario de Eveche
Anderson Fonseca Almeida
Anderson Luis Garcia Correia
Anderson Willian Simões Borges
André Macedo
André Salvaro Furtado
Andreia Patricia Andrade
Antonio de Oliveira Souza Junior
Ariton Araldi
Auria Frühaufl Beling
Bárbara Paes Spricigo

Betina Pereira de Bem
Bruno Dalazen Machado
Camila Koerich Burin
Camilo Bertol
Carlos Andres Ferrero
Carolina Berger
Cassiane da Costa
Chayane Cristina de Souza
Cinthia Gabriely Zimmer
Cintia Hoffer da Rocha
Claudio Marques Schaeffer
Clayrton Monteiro Henrique
Cleveonei da Silva
Conrado Bach Neto Junior
Cristiana Kelly dos Santos
Cristiane Oliveira da Silva
Cristiano Rodrigo Azevedo
Daniela Marcon de Sousa
Dariana Karine Koech
Darius Schulle Garcia
Deborah Hoeschl
Délcio Vieira Neto
Diego Bittencourt Machado
Diogo Amarildo Conceição
Douglas Paulesky Juliani
Edjandir Correa Costa
Eduardo Colares de Oliveira
Edson Vassem Spindola Carneiro
Eduardo Esmerio da Silva

Eduardo Tealdi Fogaça
 Eliana Fernandes Borragini
 Eliane Aparecida Correa
 Eliane Correa Costa
 Elisa Freitas Schemes
 Elisandra da Silva Alves
 Ester Ozorio R. Santos
 Evelise P. Rosa Faraco de Oliveira
 Fabiane Tripoli Venção
 Fabio Junior Nunes
 Fábio Zanella
 Fabiula Goulart de Almeida
 Fedra Gidget O. Q. Kruger
 Felipe Americo Camargo
 Felipe Nael Seixa
 Felipe Schneider Costa
 Fernanda Letícia de Freitas Rieiro
 Alves
 Fernanda Ramos Machado
 Fernando da Silva Osório
 Fernando Domingos Zinger
 Fernando Weber Albiero
 Flavia Regina Curvello
 Gabriel Granzotto Madruga
 Geancarlo Vieira Werner
 Geovane Augusto Haveroth
 Gianpaulo Alves Medeiros
 Gilson Oliveira de Moraes
 Gisely Cordova Bardini
 Gizelli Christine Broring Silva de
 Lima
 Gladson Menegazzo Verzeletti
 Graziela Machado Rocha
 Grazielle dos Santos Dalazen
 Greice Franklin da Silveira Lima
 Gustavo Henrique Marquardt
 Gustavo Henrique Santos Flores
 Ponce
 Helen Ap. Arantes dos Santos
 Jacqueline Pereira Vistuba
 Jaison Muniz
 Janaina Jaeger
 Janaina Muniz
 Janice Regina Gmach Bortoli
 Jaqueline Suave
 Jeferson Fraytag
 Jeniffer Caroline da Silva
 Jhonatan Machado Godinho
 João Augusto da Silva Bueno
 João Gilberto Branco
 João Gustavo Provesi
 Jocleita Peruzzo Ferrareze
 Joelma Kremer
 Joelson Monteiro Ramos
 José Cé
 José Dario Pintor da Silva
 José Mecabô Júnior
 José Otoni S. Pinto
 Josimara de Cassia Moreira
 Juliano Lucas Gonçalves
 Juliano Machado Menegazzo
 Julio Azambuja da Silveira
 Julio Rafael Bueno
 Karen Ferreira Brito Ramos
 Karine Leite
 Kathilce Martins Amorim
 Kelly Cristina Rosa Medeiros
 Magalhães
 Larisse Kupski
 Leandro Parussolo
 Leonardo Bravo Estacio
 Liciane Gai Garcia
 Lidiane Falcão Martins
 Lucas Pereira de Jesus
 Lucia Helena Baggio Martins
 Luciana Schmidt
 Luciana Velho
 Luciane Bittencourt Gomes
 Batista de Oliveira
 Luciane Costa de Oliveira
 Madalena Pereira da Silva
 Magali Inês Pessini
 Marcel Piovezan
 Marcelo dos Santos Coutinho
 Marcelo Maraschin de Souza
 Marcia Medeiros de Lima
 Marco Aurelio Woehl
 Marcos André Pisching
 Mariana Gomes Farias de Oliveira
 Mariele Abadia Elias
 Marília Scopel Andrighetti
 Marisa Santos Sanson
 Marlon Filippe Santos da Silva
 Matheus Ávila Machado
 Matheus Fontanelle Pereira
 Maurein Kelly da Silva Jesus

Melissa Kayser
Michael Ramos Nunes
Milena Garcia da Silva
Mônia Stremel Azevedo
Mylena Fernandes
Natália Madalena Boelter
Nathielle Waldrigues Branco
Nilo Otani
Odivar Marcos Boneti
Paola de Oliveira Souza
Patrese Coelho Vieira
Paula Clarice Santos Grazziotin
de Jesus
Paula laschitzki Ferreira Cipriani
Paulo Henrique Matayoshi
Calixto
Pierre Schemes
Priscilla Felix Schneider
Rafael Bartnik Grebogi
Rafael Gustavo Schreiber
Rafael Santiago Floriani
Rafael Xavier dos Passos
Raquel Crestani Agostineto
Raquel Matys Cardenuto
Renato Simões Moreira
Ricardo Teran Muhl
Rita de Cassia Freitas Santos
Rita de Cássia Timmermann
Roberto Akitoshi Komatsu
Roberval Bett
Robson Costa
Rodrigo de Costa
Rogério da Silva
Rosane Schenkel de Aquino
Samuel Ferreira de Mello
Samuel Hammes Clasen
Sayonara Varela
Sergio Luis Brockveld Junior
Silmar Primieri
Simone Mara Dulz
Thaiana Pereira dos Anjos
Thais Esteves Ramos Fontana
Thiago Henrique Mombach
Thiago Meneghel Rodrigues
Tiago Ribeiro dos Santos
Valter Pereira da Silva
Vilma Gisele Karsburg
Vilson Heck Junior

Viviane Patricia Hermes Andrade
Willian Galdino Lunardi
Wilson Castello Branco Neto
Wilson Rafael Schimila

E todos os nossos colegas tercei-
rizados que ajudaram a fazer essa
história.



Cursos ofertados pelo IFSC Câmpus Lages 2010-2020

CURSOS FIC

Administração e
Empreendedorismo Rural
Arduíno - Nível Básico
Agente de Desenvolvimento
Cooperativista
Agricultor Familiar
Agricultor Orgânico
Artesão em Bordado à Mão
Assistente de Recursos Humanos
Assistente de Planejamento e
Controle de Produção
AutoCAD Básico 2D
Auxiliar Administrativo
Auxiliar de Laboratório Químico
Auxiliar em Agroecologia -
PROEJA
Balconista de Farmácia
Boas Práticas para Manipuladores
de Alimentos
Comunicação e Atendimento ao
Cliente
Controladores Lógicos
Programáveis - Básico
Controladores Lógicos
Programáveis - Intermediário
Controladores Lógicos
Programáveis - Avançado
Controle Financeiro
Conversores estáticos indiretos
de frequência – Básico

Costura Industrial
Desenhista Mecânico
Desenho Industrial: Básico, 2D e
3D
Desenvolvimento de Software
em .Net
Desenvolvimento de Software
em C#
Desenvolvimento de Software
em Java Básico
Desenvolvimento de Software
em Java- 637
Educação e Gênero
Eletricista Instalador Predial
de Baixa Tensão
Empreendedorismo e Gestão
de Pequenos Negócios
Empreendedorismo e Gestão de
Pequenos Negócios (EaD)
Empreendedorismo Jovem
Empreendendo na minha Pequena
e Grande Empresa
E-tec Língua Inglesa
E-tec Língua Espanhola
Fundamentos de Metrologia
Gestão de Pessoas
Gestão Doméstica e Saúde da
Família
Gestão e Liderança
Hidráulica e Pneumática Básica
Informática Bás. Mídias Sociais

Inglês 1
Inglês 2
Inglês 3
Inglês 4
Inglês 5
Inglês 6
Inglês Básico
Inglês Básico para Turismo e
Hotelaria
Inglês para Professores de Inglês
Inovação e Criatividade
Instalações Elétricas Prediais
Instalações Elétricas Residenciais
e Prediais
Instrumentação para Laboratórios
Introdução a Programação de
Computadores
Manejo e Recuperação de Áreas
Degradadas
Manutenção de Tratores
Manutenção Industrial
Maquiador
Matemática Com. e Finan. Básica
Sem o Uso de Calc. Financeiras
Mecânico de Máquinas Agrícolas
Metalurgia da Soldagem de
Metais Ferrosos
Noções em Cosmetologia
Operador de Computador
Partida e Proteção de Motores
Elétricos
Planejamento de Marketing
Planejamento Estratégico
Pós-colheita de Frutas e
Hortaliças
Processos de Autocontrole
para Queijarias
Programador Web
Produção de Alimentos
Orgânicos
Produção de Uvas e Vinhos
Produtor de Mudanças e Sementes
de Hortaliças
Produção Orgânica de Hortaliças
e Plantas Mediciniais
Programação Orientada a
Objetos em Java
Programação para Dispositivos

Móveis com Android
Serviços Públicos em Assistente
Administrativo
Serviços Públicos em Auxiliar
Pedagógico
Sistemas Eletropneumáticos
Sistemas Pneumáticos
Tratamentos Térmicos e
Termoquímicos nos Aços
Uso de Adubos Verdes na
Agricultura Familiar
Vendedor
Viveirista de Plantas e Flores
Zelador

CURSOS TÉCNICOS

Curso Técnico em Administração
Curso Técnico em Agroecologia
Curso Técnico em Agronegócio
Curso Técnico em Biotecnologia
Curso Técnico em Informática
Curso Técnico em Informática
para Internet
Curso Técnico em Mecatrônica
Curso Técnico em Análises
Químicas
Curso Técnico em
Eletromecânica

CURSOS SUPERIORES

Ciência da Computação
Engenharia Mecânica
Curso Superior de Tecnologia em
Processos Químicos
Curso Superior de Tecnologia em
Gestão do Agronegócio

PÓS-GRADUAÇÃO

Pós-Graduação em EJA
Pós-Graduação em Gestão
Escolar
Pós-Graduação em Tecnologias e
Práticas Educacionais
Pós-Graduação em Agroecologia
Pós-Graduação em Marketing



Depoimentos

Adriano Pereira Silva Filho - estudante: p. 106.

Adriele Renata Nunes - estudante, atuou no Conselho Superior como representante discente, eleita em 2020: p. 124-125, 148-149.

Alan Lanceloth Rodrigues Silva - estudante: p. 105.

Alexsander Furtado Carneiro - docente: p. 77-78, 116-117, 153.

Alisson Luiz “Purga” Agusti - docente, atuou como chefe DEPE: p. 113, 148.

Ana Paula de Lima Veeck - docente: p. 74, 82.

Caio Alexandre Martini Monti - docente, atuou junto ao Câmpus como diretor de expansão: p. 46, 48-49, 54, 61, 70, 73, 89, 149, 152.

Carlos Alexandre Soares - estudante: p. 133.

Consuelo Sielski - docente, atuou junto ao Câmpus como reitora: p. 30, 31, 149.

Diogo Amarildo Conceição - assistente em administração: p. 75

Diogo Fonseca - auxiliar de biblioteca: p. 93-94, 96.

Edson Pereira Muniz - vigilante: p. 155.

Elisa Freitas Schemes - técnica em assuntos educacionais: p. 123.

Elisandra da Silva Alves - assistente de alunos: p. 62-63

Fábio Zanella - docente: p. 67-68

Fabiula Goulart de Almeida - assistente de alunos: p. 115.

Flávia Tramonte - estudante: p. 155.

Gabriel da Silva Lima - estudante: p. 126.

Geancarlo Vieira Werner - administrador, atuou como chefe DAM: p. 56, 57, 79, 131, 140.

Giovana Caroline da Silva - estudante: p. 155.

Jacqueline Pereira Vistuba - técnica de laboratório: p. 154.

João Gustavo Provesi - docente: p. 90.

José Mecabô Júnior - docente: p. 82, 116.

Kathilce Martins Amorim - assistente em administração, atuou como chefe DAM: p. 132, 133, 134-135, 148.

Luciana Schmidt - bibliotecária: p. 96, 101-102.

Marcelo Carlos da Silva - docente, atuou junto ao Câmpus como diretor de expansão e como pró-reitor de Extensão e Relações Externas: p. 26, 32, 37, 38, 55

Marcia Medeiros de Lima - bibliotecária: p. 99, 100-101

Marco Antonio “Marquito” Ferreira Rosa - vigilante: p. 155.

Marcos André Pisching - docente: p. 75-77, 117, 154.

Maria Clara Kaschny Schneider - docente, atuou junto ao Câmpus como reitora: p. 48, 56, 68-69, 70, 89, 90, 112, 117, 139, 148.

Mariele Abadia Elias - técnica de laboratório: p. 62, 78, 81, 94, 112, 154.

Marli de Fátima Amazonas Silva de Jesus - estudante: p. 133, 155.

Marlon Filippe Santos da Silva - técnico de laboratório: p. 116.

Matheus Fontanelle Pereira - docente: p. 89.

Raquel Matys Cardenuto - bibliotecária, atuou como diretora-geral: p. 45, 53, 69, 81, 107, 149, 152.

Rita de Cássia Freitas Santos - docente: p. 62.

Rita de Cássia Timmermann - assistente em administração: p. 95.

Robson Costa - docente: p. 130.

Rosane Schenkel de Aquino - docente: p. 155.

Silmar Primieri - docente, atuou como chefe DEPE: p. 57, 131, 132, 134.

Thiago Meneghel Rodrigues - docente, atuou como chefe DEPE e diretor-geral: p. 26, 41, 53, 54, 55, 67, 68, 115, 140, 147.

Valter Pereira da Silva - docente: p. 154.

Vilson Heck Junior - docente, atuou como chefe DEPE e diretor-geral: p. 37, 39-40, 56-57, 74-75, 77, 93, 124, 132, 134, 154.



Créditos das imagens

Acervo da autora: páginas 64 e 65 (faixa sup. do mosaico: foto à dir.; faixa central: centro e dir.; faixa inf.: foto central), 118, 119 (exceto segunda faixa do mosaico), 120 e 121 (exceto foto à esq. na segunda faixa do mosaico), 136, 137, 144 (exceto primeira faixa do mosaico), 145, 150 (alto à dir.), 151 (abaixo à esq.), 175.

Acervo Câmpus Lages: páginas 27, 33, 34 e 35, 40, 43, 47, 49, 50, 51, 58, 59 (meio e abaixo), 63, 64 e 65 (faixa sup. do mosaico: primeira e segunda fotos; faixa central: foto da esq.; faixa inf.: foto da esq. e da dir.), 69, 71, 76, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 102 (acima, abaixo dir. e esq.), 125, 126, 141, 142, 143, 144 (alto à esq.), 150 (à esq. segunda faixa do mosaico).

Acervo DIRCOM-IFSC: páginas 12, 59 (alto), 150 (alto à esq. e abaixo), 151 (segunda faixa à esq., no meio à dir., abaixo à dir.).

Acervo Deborah Hoeschl: 144 (alto à dir.).

Acervo Projeto Gralha Azul: página 119 (segunda faixa do mosaico).

Acervo Jaison Muniz: páginas 95 e 97.

Acervo Luciana Schmidt: páginas 101 e 102 (centro).

Acervo Marcelo Carlos da Silva: páginas 39 e 42.

Acervo Raquel Matys Cardenuto: páginas 47 e 151 (alto e à esq. na segunda faixa do mosaico).

Acervo Robson Costa: páginas 108 e 109, 127, 129 e 172.

Sobre a autora

Paula Clarice nasceu lageana e desde cedo gostou de livros, de escolas e de pessoas. Acabou virando professora de Português. Quando, em 2018, se deu conta de que sua escola preferida estava prestes a completar 10 anos, não resistiu a escrever essa história. Começou como docente no IFSC Câmpus Lages em 2013, com um contrato temporário. No mesmo ano, passou no concurso público e foi trabalhar no IFSC Câmpus Gaspar, onde atuou até 2016, quando voltou por remoção para o Câmpus Lages. Formou-se em Letras e em Direito, tem Mestrado em Educação e Doutorado em Linguística.





Este livro conta a história do Câmpus Lages do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC. A partir das memórias de pessoas que viveram essa história, a autora reúne na obra uma coletânea de causos que já se tornaram clássicos da *Rádio Corredor*. Sem deixar de preservar, em algumas passagens, o legítimo idioma *lageanês*, o livro traz algumas curiosidades e uma pitada de reflexão sobre os primeiros 10 anos dessa instituição de ensino.

08
10
12
14
16
18
20
22
24
26
28
30
32
34
36
38
40
42
44
46
48
50
52
54
56
58
60
62
64
66
68
70
72
74
76
78
80
82
84
86
88
90
92
94
96
98
100
102
104
106
108
110
112
114
116
118
120
122
124
126
128
130
132
134
136
138
140
142
144
146
148
150
152
154
156
158
160
162
164
166
168
170
172
174
176
178
180
182
184
186
188
190
192
194
196
198
200

em
os
Lageamento